



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO

CONVÍVIO DOMICILIAR DE IDOSOS COM CÃES DE ESTIMAÇÃO

Recife

2019

CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO

CONVÍVIO DOMICILIAR DE IDOSOS COM CÃES DE ESTIMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gerontologia.

Área de concentração: Envelhecimento e Saúde.

Orientador: Prof^o. Dr. Rogério Dubosselard Zimmermann.

Coorientadora: Prof^a. Dra. Maria Lúcia Gurgel da Costa.

Recife

2019

Catálogo na fonte:
bibliotecária: Elaine Freitas, CRB4:1790

S729c Souto, Camila da Costa Lima.
Convívio domiciliar de idosos com cães de estimação / Camila da Costa
Lima Souto. – Recife: o autor, 2019.
99 f.; il.

Orientador: Rogério Dubosselard Zimmermann.
Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro
de Ciências da Saúde. Programa de pós-graduação em Gerontologia.
Inclui referências, apêndices e anexo.

1. Idosos. 2. Animais de estimação. 3. Cães. I. Zimmermann, Rogério
Dubosselard (orientador). II. Título.

618.97 CDD (23.ed.)

UFPE (CCS 2019 - 106)

CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO

CONVÍVIO DOMICILIAR DE IDOSOS COM CÃES DE ESTIMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gerontologia.

Aprovada em: 28/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Dubosselard Zimmermann (Orientador)
Depto. de Medicina Social – UFPE

Profa. Dra. Ana Paula de Oliveira Marques (Membro Titular Interno)
Depto. de Medicina Social – UFPE

Profa. Dra. Ana Márcia Tenório de Souza Cavalcanti (Membro Titular Externo)
Depto. de Enfermagem - UFPE

Profa. Dra. Marcia Carrera Campos Leal (Membro Suplente Interno)
Depto. de Medicina Social - UFPE

Prof. Dr. Petrônio José de Lima Martelli (Membro Suplente Externo)
Depto. de Medicina Social - UFPE

Aos meus pais, Eraldo e Karin. Às minhas irmãs, Talita e Karina. À minha avó e seu companheiro canino, Linda e Kiko, com saudades. À minha avó e sua companheira canina, Assunção e Sasha. À minha companheira canina e inspiradora, Laila.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me proporcionado mais uma oportunidade de crescimento e por todo Seu cuidado em mais uma etapa de minha vida.

Aos meus pais, Eraldo Souto e Karin Souto, principais responsáveis por mais essa conquista alcançada por mim, pela dedicação e esforço incansáveis na minha educação.

Às minhas irmãs, em especial, Talita Souto, minha professora preferida desde a infância, por, novamente, me apoiar com seu conhecimento durante toda a realização da dissertação.

Ao meu namorado, Renan Freitas, mestrando de Saúde Coletiva da UFPE, pelo apoio e disponibilidade constantes.

À minha colega de trabalho, Catarina Porto, pelo grande estímulo na realização da seleção de mestrado e no aperfeiçoamento profissional.

Ao meu orientador e à minha coorientadora, Prof. Dr. Rogério Dubosselard Zimmermann e Prof.^a Dra. Maria Lúcia Gurgel da Costa, pela orientação e ensinamentos sempre pertinentes na realização da dissertação.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo estudar os efeitos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação, apontando os aspectos positivos e negativos desse convívio para a saúde da população idosa. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter descritivo e exploratório que utilizará como técnica entrevista aberta semiestruturada. Os participantes foram selecionados de maneira aleatória e por conveniência, dentre os idosos atendidos no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI), como também, dentre os que participavam de cursos oferecidos nessa unidade de saúde. O número total de idosos foi definido pela saturação de falas, no decorrer das entrevistas. As entrevistas foram transcritas e as falas dos idosos foram examinadas através da análise de conteúdo, com posterior categorização temática. Os elementos foram classificados em 9 eixos temáticos: suporte emocional, atividade física, contato social, sensação de segurança, alergia e infecções, medo e quedas, gasto financeiro e trabalho, processo de luto e significado. O convívio com cães de companhia traz inúmeros benefícios à saúde de idosos, entre eles, o aumento da prática de atividades físicas, da socialização, do prazer e da autoestima. Em contrapartida, existem, também, aspectos negativos dessa convivência, como a maior exposição a possíveis infecções e alergias, o maior risco de quedas e o intenso sofrimento pela perda do animal. Após análise dos dados, constatou-se que os efeitos positivos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação superam os efeitos negativos para a saúde dessa população.

Palavras-chave: Idoso. Animais de estimação. Cães.

ABSTRACT

The objective of this research was to study the effects of the elderly household cohabitation with pet dogs, pointing out the positive and negative aspects of this conviviality for the health of the elderly population. This is a qualitative study of a descriptive and exploratory character that will use semi-structured interview technique as a technique. Participants were selected randomly and for convenience, among the elderly attended at the Elderly Care Center (NAI), as well as among those who participated in courses offered at this health unit. The total number of elderly was defined by the saturation of speeches, during the interviews. The interviews were transcribed and the speeches of the elderly were examined through content analysis, with subsequent thematic categorization. The elements were classified into 9 thematic axes: emotional support, physical activity, social contact, feeling of security, allergy and infections, fear and falls, financial expense and work, mourning process and meaning. The companionship with companion dogs brings innumerable benefits to the health of the elderly, among them, the increase in the practice of physical activities, socialization, pleasure and self-esteem. On the other hand, there are also negative aspects of this coexistence, such as the greater exposure to possible infections and allergies, the greater risk of falls and the intense suffering caused by the loss of the animal. After analyzing the data, it was verified that the positive effects of the household coexistence of elderly with dogs of dogs outweigh the negative effects for the health of this population.

Keywords: Aged. Pets. Dogs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Doenças diagnosticadas autorreferidas pelos idosos proprietários de cão de estimação. Recife/PE, Brasil, 2018.....	36
Quadro 2 - Respostas ao questionamento: O que (cão de estimação) significa para o (a) senhor (a)? Recife/PE, Brasil, 2018.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil do idoso proprietário de cão de estimação segundo dados sociodemográficos. Recife/PE, Brasil, 2018.....	34
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAA: Atividade Assistida por Animais

CCS: Centro de Ciências da Saúde

CEP: Comitê de Ética e Pesquisa

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NAI: Núcleo de Atenção ao Idoso

OMS: Organização Mundial da Saúde

PROIDOSO: Programa do Idoso

SRD: Sem Raça Definida

TAA: Terapia Assistida por Animais

UFPE: Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	16
2.1	O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL.....	16
2.2	O CÃO: UM ANIMAL DE MUITAS HABILIDADES.....	19
2.3	O CÃO NA ASSISTÊNCIA EM SAÚDE.....	24
3	OBJETIVOS.....	29
3.1	GERAL.....	29
3.2	ESPECÍFICOS.....	29
4	CAMINHO METODOLÓGICO.....	30
4.1	DELINEAMENTO DO ESTUDO.....	30
4.2	LOCAL DO ESTUDO.....	31
4.3	PARTICIPANTES.....	31
4.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	32
4.5	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	32
4.6	ANÁLISE DE DADOS.....	32
4.7	ASPECTOS ÉTICOS.....	33
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
5.1	PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E DE SAÚDE DO IDOSO PROPRIETÁRIO DE CÃO DE ESTIMAÇÃO.....	35
5.2	SUORTE EMOCIONAL.....	39
5.3	ATIVIDADE FÍSICA.....	44
5.4	CONTATO SOCIAL.....	47
5.5	SENSAÇÃO DE SEGURANÇA.....	50
5.6	ALERGIAS E INFECÇÕES.....	53
5.7	MEDO E QUEDAS.....	55
5.8	GASTO FINANCEIRO E TRABALHO.....	58
5.9	PROCESSO DE LUTO.....	61
5.10	SIGNIFICADO.....	65
6	CONCLUSÕES.....	68
	REFERÊNCIAS.....	70
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA: DADOS	

SOCIODEMOGRÁFICOS E DE SAÚDE E CONVÍVIO COM CÃES DE ESTIMAÇÃO.....	91
APÊNCIDE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	93
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	96

1 INTRODUÇÃO

A partir de 1950, o Brasil inicia seu período de transição demográfica, caracterizada pela queda dos níveis de mortalidade e natalidade e pela diminuição das taxas de crescimento populacional. Aos poucos, uma população predominantemente jovem se transforma em uma sociedade com um contingente, cada vez mais significativo, de pessoas com 60 anos ou mais de idade. A estrutura etária começa sua grande transformação: inicia-se o processo de envelhecimento (VASCONCELOS; GOMES, 2012).

Essa alteração do perfil populacional acarreta a transição epidemiológica, ou seja, o perfil de doenças da população muda de maneira significativa. Em um país essencialmente jovem, as doenças são, em sua maioria, infectocontagiosas. Já em uma população idosa, a predominância passa a ser de doenças crônicas (NASRI, 2008). Entre as principais disfunções encontradas na população idosa, destacam-se as afecções cardiovasculares, em especial a doença hipertensiva, diabetes e suas complicações, déficits sensoriais (auditivo e visual), afecções osteoarticulares e depressão, que é um dos transtornos psiquiátricos mais comuns entre os idosos, em geral acompanhada de ansiedade, estresse e baixa autoestima (BRASIL, 2006).

Durante o envelhecimento, as pessoas passam por períodos conturbados de vida. É nesta fase que os familiares estão mais afastados, em sua maioria, por trabalharem ou residirem longe, sendo comum, ainda, a perda de cônjuges. Existe, também, o surgimento do estigma de aposentado, o abandono das atividades rotineiras e o aumento do isolamento social.

Levando em consideração todo esse contexto, os idosos tornam-se um grupo populacional de risco ao adoecimento. De fato, é neste período que, predominantemente, surgem as doenças crônicas que afetam a saúde física e mental dos idosos. Diante da magnitude dos agravos à saúde dos idosos, torna-se essencial a utilização de métodos inovadores para combatê-los.

Nesta perspectiva, destaca-se o uso de cães na assistência em saúde. Esses animais são utilizados de maneira predominante nas Atividades Assistidas por Animais e Terapias Assistidas por Animais (AAA e TAA).

A Atividade Assistida por Animais (AAA) consiste na visitação, recreação e distração por meio do contato dos animais com as pessoas e a Terapia Assistida por Animais (TAA) envolve profissionais de saúde e utiliza os animais como parte do tratamento (DOTTI, 2014). Tais interações contribuem para o tratamento e a prevenção de inúmeros agravos, sendo utilizadas com êxito em diversos públicos, como pacientes hospitalizados, psiquiátricos, crianças, deficientes e idosos.

Em uma casa de repouso em Vila Velha, Espírito Santo, foi realizado um estudo clínico experimental controlado com o objetivo de avaliar a influência da TAA na pressão arterial de idosos hipertensos institucionalizados. Ao todo, 25 idosos participaram de encontros semanais com cães, com duração de 1 hora. Durante um período de quatro meses, os idosos caminharam, acariciaram e conversaram com os animais. A pressão arterial foi aferida antes e depois de cada sessão. Observou-se um melhor controle dos níveis pressóricos e do padrão cardiovascular, como também uma diminuição da pressão sistólica e diastólica (VIEIRA et al., 2016).

Outro estudo, realizado no Instituto San Michele, em Roma, selecionou 19 pacientes idosos, com média de idade de 85 anos. Foram realizadas intervenções assistidas por cães, duas vezes por semana, durante cinco meses. Inicialmente, acontecia a interação na qual os idosos brincavam, alimentavam e escovavam os animais e, posteriormente, faziam fisioterapia acompanhada pelos cães. Em geral, os resultados mostraram um aumento do comportamento social e dos níveis diários de cortisol, refletindo uma melhora no estado apático dos idosos e, também, na inatividade característica de idosos institucionalizados (BERRY et al., 2012).

Tais como esses estudos, muitos outros investigam os efeitos das atividades e terapias assistidas por animais na saúde de idosos institucionalizados, porém, são poucos os trabalhos científicos que pesquisam a influência de cães de estimação sobre os idosos no convívio domiciliar.

Considerando que tais atividades influenciam a saúde de idosos institucionalizados, torna-se relevante investigar: O convívio domiciliar de idosos com cães de estimação, também, é capaz de influenciar a saúde dessa população? De que maneira?

Considerando, ainda, a escassez de estudos que investiguem tais aspectos e a vulnerabilidade do grupo ao surgimento de transtornos à saúde que podem ser prevenidos ou retardados através de comportamentos orientados, justifica-se a presente análise.

Deseja-se, assim, munir a equipe multidisciplinar com informações importantes à orientação e às intervenções direcionadas à promoção da saúde física e mental dos idosos e, dessas formas, melhorar a qualidade de vida desta população, evitando condições clínicas e óbitos prematuros.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

O envelhecimento humano é um processo natural que envolve inúmeras transformações biológicas inerentes ao organismo. Essas alterações anatômicas e fisiológicas próprias do envelhecimento acontecem de maneira gradativa, iniciando na vida adulta (ESQUENAZI; SILVA; GUIMARÃES, 2014).

Entre a quarta e quinta década de vida, as alterações oculares acabam por interferir na acuidade visual. Essas alterações geram os primeiros sintomas oftalmológicos como a diminuição da capacidade de acomodação ou focalização de objetos próximos (presbiopia), do campo visual periférico, da sensibilidade ao contraste, da discriminação das cores, da capacidade de recuperação após exposição à luz, da adaptação ao escuro e da noção de profundidade (MICHAEL; BRON, 2011).

A partir dos 30 anos de vida, a densidade muscular diminui, ocorre a perda gradual e seletiva das fibras esqueléticas que dão lugar ao tecido adiposo e ao tecido cartilaginoso. Essas alterações provocam, ao longo da vida, degenerações diversas que podem levar à diminuição da função locomotora e da flexibilidade (FREEMONT A; HOYLAND, 2008).

Ao lado do tecido muscular e cartilaginoso, o tecido ósseo também sofre alterações consideráveis ao longo do envelhecimento, levando à osteopenia fisiológica (CARVALHO-FILHO, 2002). Em torno da quarta década de vida, ocorrem a diminuição da densidade mineral e a perda óssea. Após os 50 anos, perde-se, principalmente, osso cortical e a perda óssea é irreversível (MATSUDO S.; MATSUDO V.; BARROS NETO, 2000).

É comum, também, a redução da habilidade em alterar a frequência cardíaca de maneira adequada em respostas a situações de estresse e a ocorrência de arritmias, devido a alterações nas propriedades eletrofisiológicas do coração (LEE; HUANG; SHEN, 2011).

Todas essas alterações, quando associadas ao aparecimento de patologias, tornam-se significativas para o declínio funcional do idoso. Porém, a velocidade desse declínio depende de diversos fatores, genéticos e

epigenéticos, que determinarão a resposta do organismo aos estímulos (ESQUENAZI; SILVA; GUIMARÃES, 2014).

Apesar das transformações ocorridas no corpo durante o processo de envelhecimento e do surgimento de doenças crônicas muitas vezes associadas a essas modificações, observa-se uma redução nas taxas de mortalidade no Brasil. Em 1900, a esperança de vida ao nascer estava em torno de 30 anos, ultrapassou os 50 em 1950 e chegou a 73 anos em 2000. Ou seja, o tempo médio de vida dos brasileiros mais que dobrou em um período de um século. Em termos quantitativos gerais, a população brasileira passou de 10 milhões em 1872 para 170 milhões no ano 2000, devendo atingir um pico de 231 milhões em 2050 (ALVES, 2014).

Alves (2014) afirma, também, que na comparação entre o número de crianças e idosos no Brasil, observa-se que em 1950 havia 9 milhões de crianças com idades entre 0 e 4 anos, representando 16,6% da população total e 2,6 milhões de idosos, representando somente 4,8% da população. Em 1980, havia 17 milhões de crianças e 7,7 milhões de idosos. Já no ano 2000, a população de crianças praticamente se manteve em torno de 10% da população e a população idosa chegou a 14,2 milhões, representando 8,1% da população. Devido à continuidade da diminuição do número médio de filhos por mulher, estima-se que no ano de 2030 a quantidade absoluta de crianças deve cair para 13,3 milhões, 6% da população, enquanto a população idosa deve chegar a 41,6 milhões, 18,7% da população brasileira.

A diminuição gradual do número de crianças e jovens na população, que passaram a viver períodos mais longos, acarretou em um processo chamado de transição demográfica. Outras projeções recentes apontam, ainda, que 2030 haverá 100 idosos para cada 100 crianças e adolescentes de 0 a 14 anos, em 2060, 1 em cada 3 brasileiros terá 60 anos ou mais e no final do século XXI, quase 4 em 10 brasileiros será idoso (ALVES, 2014).

A Organização Mundial de Saúde (2015) revelou que, em todo o mundo, a proporção de idosos está crescendo mais rapidamente que a de qualquer outra faixa etária. Espera-se um crescimento em torno de 694 milhões na população idosa entre os anos de 1970 e 2025. Nesse último ano, existirá um total aproximado de 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, e, até 2050, haverá dois bilhões, sendo 80% nos países em desenvolvimento.

Outro fenômeno que merece destaque no mundo, e, principalmente nos países desenvolvidos, é o envelhecimento da própria população idosa. O número atual de pessoas com mais de 80 anos chega a 69 milhões. Esse valor representa aproximadamente um por cento da população mundial e três por cento da população em regiões desenvolvidas, sendo considerado o segmento etário com maior velocidade de crescimento (OMS, 2015).

Essa mudança do perfil populacional vem acarretando, igualmente, a transição epidemiológica. Com ela, as doenças crônicas próprias do envelhecimento passaram a ter maior expressão na sociedade (VERAS, 2009).

A transição epidemiológica é caracterizada por mudanças nos padrões de morte, morbidade e invalidez que caracterizam uma população específica e que ocorrem em conjunto com outras transformações demográficas, sociais e econômicas. Esse processo engloba três mudanças básicas: substituição das doenças transmissíveis por doenças não transmissíveis e causas externas, deslocamento da carga de morbimortalidade dos grupos mais jovens aos grupos mais idosos e transformação de um cenário em que predomina a mortalidade para outro em que a morbidade é dominante (OMRAM, 2001; SANTOS-PRECIADO et al., 2003).

Sabe-se que todo esse cenário reconfigura inteiramente o perfil etário dos gastos com saúde, afetando não apenas a saúde dos idosos, para os quais o padrão de morbidade torna-se cada dia mais complexo e oneroso, mas, também, a saúde das demais faixas etárias. No Brasil, o aumento do peso relativo dos gastos com idosos, cada vez mais numerosos e longevos, ocorre ao mesmo tempo em que uma parcela significativa dos gastos ainda é direcionada a morbidades típicas de países subdesenvolvidos (NUNES, 2004; BERENSTEIN, 2005).

Frente ao contexto apresentado, há a necessidade de estruturação de serviços e programas de saúde que possam responder às demandas emergentes do novo perfil epidemiológico do país. Deve ser considerado, ainda, o agravante de que os idosos utilizam os serviços hospitalares de maneira mais intensiva que os demais grupos etários, envolvendo maiores custos, tratamentos prolongados e recuperação lenta (SIQUEIRA et al., 2004).

Em geral, os serviços de saúde são direcionados à saúde materno-infantil, reprodutiva e ao combate de doenças infecciosas. Com a transição epidemiológica, esse cenário deve mudar e a saúde pública deve direcionar o olhar, também, para as políticas de prevenção, com foco nas doenças crônicas, que, sem o devido acompanhamento, geram incapacidades (WONG; CARVALHO, 2006).

Segundo a Organização Pan Americana de Saúde (2004), entre 75% e 80% da população com 60 anos ou mais na América Latina possui, ao menos, uma doença crônica. Entretanto, doenças crônicas, bem como suas incapacidades, não são consequências inevitáveis do envelhecimento. A prevenção, que é efetiva em qualquer nível, mesmo nas fases mais tardias de vida, deve ser o principal instrumento da saúde pública. Diante de modelos ineficientes e de alto custo, são necessários métodos criativos e inovadores de prestação do cuidado, de maneira a garantir a saúde integral da população idosa (VERAS, 2009).

As mudanças e inovações nos paradigmas de atenção à saúde da população idosa são urgentes diante da nova realidade demográfica e epidemiológica brasileira. Sabendo que viver mais é importante na medida em que se agrega qualidade aos anos adicionais, estruturas criativas e ações diferenciadas são essenciais para a manutenção da autonomia, auto-satisfação e qualidade de vida da população idosa (VERAS, 2007).

2.2 O CÃO: UM ANIMAL DE MUITAS HABILIDADES

Segundo Fogle (2009), os cães são os animais de companhia em que mais se confia. Eles podem existir de diversos tamanhos e aparências, porém, são muito parecidos quando se trata de entender bem as interações humanas. Essa qualidade inigualável explica o sucesso da relação do homem com o cão.

A possível origem do cão ocorreu há milhares de anos no leste da Ásia. Testes genéticos apontam que o cão evoluiu do lobo asiático, sobreviveu, procriou e se adaptou com sucesso às colônias humanas. Posteriormente, evidências antropológicas como a redução do corpo e da cavidade cerebral,

dentes mais próximos e compactos, demonstraram essa evolução (FOGLE, 2009).

Nas montanhas de Ennedi, na região de Chade, pinturas rupestres pré-históricas revelam o papel primitivo do cão entre os homens: auxiliar na caçada de grandes animais. Os cães lobos que ajudavam e protegiam as tribos sobreviviam e procriavam, estabelecendo-se como os primeiros cães de estimação. De igual forma, foi encontrada em uma jarra grega de cerca de 550 a.C. uma antiga ilustração de homens e cães caçando juntos na qual o obediente cão permanece ao lado do homem (FOGLE, 2009).

Outra evidência histórica foi encontrada em Roma, onde escritos antigos faziam referência ao poder de cura divina associada a cães sagrados. Já na região norte de Israel, foi encontrado o esqueleto de um cão enterrado com um humano há 12000 anos (DAVES; VALLA, 1978).

Com o tempo, a proximidade do homem com o cão aumentou significativamente, e, com isso, o relacionamento entre eles. Essa aproximação fez com que o cão fosse domesticado de maneira gradativa e espontânea. É possível que os cães tenham sido atraídos para perto dos homens em virtude das sobras de carne provenientes das caças. Surgiu, assim, uma associação voluntária, sendo provável que esses cães tenham demonstrado valor ao latir na aproximação de desconhecidos ou mesmo ao se alimentar dos restos das caças, auxiliando a limpeza do local de moradia. Teve início, desse modo, uma aliança de vantagens recíprocas (SAKATA, 2015).

Considerado um dos animais mais populares do mundo, o cão cresce, também, em quantidade por todo o planeta. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013) apontam que, no Brasil, 44,3% dos domicílios possuem ao menos um cão de estimação. Isso equivale a 28,9 milhões de unidades domiciliares. Estima-se que a população de cachorros esteja em 52,2 milhões, o que representa uma média de 1,8 cachorros por domicílio, valor superior a população de crianças até 14 anos que é estimada em 44,9 milhões.

Os números indicam, ainda, que o Paraná é a unidade da federação com mais moradores caninos, com um percentual de 60,1%. Já o Distrito Federal possui 32,3% de suas casas com cães, ficando em último lugar no Brasil. A região Sul do país, possui a maior quantidade de casas habitadas por

esses animais, com 58,6%. Na área rural a proporção de domicílios com algum cão é de 65%, superior à área urbana, que possui 41% (IBGE, 2013).

Em termos gerais, o Brasil é o segundo país do mundo em população de cães, gatos e aves e o quarto maior do mundo em população total de animais de estimação (ABINPET, 2013).

Um estudo realizado no interior do Estado de São Paulo teve por objetivo estimar a população de cães e gatos com proprietários nesta região. Foram pesquisados 41 municípios e 100 setores censitários, sorteados por amostragem probabilística, estratificada e por conglomerados em dois estágios. Investigaram-se 20.985 domicílios e em 52,6% deles o morador possuía um cão. A média de cães por domicílio foi de 1,6. Em consonância com os dados demonstrados acima, a pesquisa também apontou um número bastante elevado de cães na região (ALVES et al., 2005).

Como demonstrado anteriormente, desde os primórdios os cães são utilizados pelo homem de diversas maneiras. Esse animal é empregado, por exemplo, em atividades militares, tendo tido grande importância na Primeira e Segunda Guerra Mundial, uma vez que quase a totalidade dos países envolvidos utilizou cães nos serviços de busca e salvamento de feridos e nas atividades de guarda e sentinela (SAKATA, 2015).

Sakata (2015) acentua que, aos poucos, os cães assumem papéis cada vez mais significativos na sociedade, atuando, também, como farejadores na localização de entorpecentes e armamentos, detecção de explosivos e vazamentos químicos, auxiliando na busca e localização de pessoas perdidas, em desastres com vítimas em escombros, em resgates aquáticos, e, inclusive, como cães-guia.

Existem três classificações para os chamados de cães de assistência: cão-guia, aquele que auxilia pessoas com deficiência visual, cão para surdo, aquele que auxilia pessoas com deficiência auditiva parcial ou total, e cão de serviço, aquele que auxilia pessoas com deficiência mental, motora ou orgânica (WINKLE et al. 2012).

Esses animais são treinados para realizar tarefas específicas, que dependem da deficiência apresentada pelo proprietário. O cão-guia aprende a andar em linha reta e no centro do passeio, virar à esquerda e à direita, contornar obstáculos, lidar com o trânsito, encontrar elevadores, saídas, locais

vagos em transportes coletivos. O cão para surdos aprende a alertar o dono para sons de campainha, alarmes de incêndio, alguém chamando o nome do proprietário, sirenes de polícia e telefones. Por fim, o cão de serviço é capaz de trazer objetos ao dono, como telefones, medicamentos, chaves, roupas, sapatos, aprende a ladrar, acordar ou arrastar o dono quando este está em perigo, bem como ajudar a transportá-lo entre locais distintos (NADERI et al., 2001; RINTALA et al., 2008; TOMKINS et al., 2012).

Por se tratar de um animal de característica predadora, os cães possuem os sentidos apurados para captura de presas e para a proteção de sua matilha, possuindo habilidades sensoriais como a audição, visão, e, especialmente, o olfato, bastante apuradas (SIQUEIRA, 2010).

Siqueira (2010) afirma que os cães podem ouvir sons de alta frequência e baixo volume, localizando com precisão a direção e a origem do som, chegando a ouvir a uma distância quatro vezes superior a de um ser humano. Quanto à visão, apesar de possuírem uma menor capacidade de distinguir as cores, os cães têm uma visão noturna mais apurada que a dos seres humanos, e, também, um ângulo de visão maior, devido ao posicionamento dos olhos no crânio.

Por outro lado, o tato é considerado pouco desenvolvido nos cães, apesar de fundamentais nas relações afetivas com o animal. O paladar, igualmente subdesenvolvido, possui nove vezes menos papilas gustativas que a de um ser humano. Dessa forma, os cães relacionam o sabor, majoritariamente, ao odor dos alimentos (SIQUEIRA, 2010; SAKATA, 2015).

O excepcional sistema olfativo canino é formado por uma super estrutura de olfação com 200 milhões ou mais de células olfativas, muito superiores à capacidade humana que conta com cinco milhões de células da mesma natureza (SIQUEIRA, 2010). Adicionalmente ao quantitativo de receptores sensíveis aos odores, as narinas alongadas e o ato de farejar contribuem para a maior sensibilidade olfatória dos cães. Baseado nesses fatos, estima-se que o olfato do cão seja 100 vezes mais sensível do que o dos seres humanos (GORDON et al., 2008).

Com o desenvolvimento, o uso de cães farejadores extrapolou a esfera do uso militar e policial, pontuados previamente. Na modernidade, essa capacidade olfativa é utilizada em diversos campos da atividade humana, como

medicina, agropecuária e preservação do meio ambiente (GAZIT & TERKEL, 2003).

Na área da medicina, existem relatos do uso de cães farejadores na investigação de cânceres humanos, como o câncer de pulmão, detectado através de amostras de ar exaladas por pacientes (EHMANN et al., 2012). Moser & McCulloch (2010) revisaram vários estudos sobre o tema e concluíram que, além do câncer de pulmão, os cães farejadores são capazes de reconhecer odores específicos em materiais biológicos para detecção de cânceres de mama, de próstata, de bexiga e melanomas.

Outra habilidade impressionante desses animais tem sido utilizada para detecção de hipoglicemia associada ao diabetes e para alertar sobre a eminência de um ataque epiléptico. Os mecanismos pelos quais os cães detectam alterações no nível de glicose no sangue humano são desconhecidos, mas acredita-se que os cães reconhecem alterações olfativas atribuídas ao aumento da transpiração, possivelmente associadas com alterações comportamentais (ROONEY et al., 2013; BROWNE et al., 2006; CHEN et al., 2000).

Na área da agropecuária, o uso de cães farejadores vai desde a detecção de locais contaminados por pesticidas até o trabalho de fiscalização de aeroportos e postos de fronteiras, onde eles atuam para impedir a introdução de produtos agropecuários importados ilegalmente e potencialmente danosos à agricultura e pecuária local (GAZIT & TERKEL, 2003). A importação ilícita de produtos de origem animal é responsável pela disseminação de enfermidades no país. No Brasil, o surto de Peste Suína Africana ocorrido em Paracambi, Rio de Janeiro, através da administração de restos alimentares contaminados aos porcos da região, causou a morte de 66.966 animais a um custo de cerca de 44 milhões de reais (TOKARNIA et al., 2004; MOURA et al., 2010).

A respeito da preservação do meio ambiente, os cães têm sido utilizados na localização e no monitoramento de espécies ameaçadas de mamíferos e aves. Além de possibilitar o acompanhamento desses animais, os cães farejadores são considerados um método não-invasivo, pois encontram os animais por meio do odor das fezes presentes no território explorado, sem a necessidade de captura e inserção de dispositivos de localização,

possibilitando o estudo de animais raros e aumentando o número de amostras e informações sobre a dinâmica das espécies no território (WASSER et al., 2004).

Devido a todas essas incríveis habilidades, o ser humano se aprofunda cada vez mais no estudo e na exploração das competências caninas, convertendo-as em reais situações de serviço à humanidade e à natureza.

2.3 O CÃO NA ASSISTÊNCIA EM SAÚDE

Com o passar do tempo, o vínculo entre o homem e o cão se tornou, também, um recurso terapêutico. Segundo Dotti (2014), no século XVIII, surgiram teorias sobre a influência positiva de animais no tratamento de doenças mentais. Em 1792, William Tuke utilizou animais em uma instituição situada no Retiro York, na Inglaterra, para tratar pacientes com distúrbios neurológicos. No local, os pacientes entravam em contato direto com os animais e essa interação gerou resultados positivos no tratamento.

Na década de 1950, a psiquiatra brasileira Nise da Silveira implantou a utilização de cães em terapias com pacientes esquizofrênicos no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Rio de Janeiro, obtendo bons resultados. Porém, com a falta de reconhecimento da iniciativa, o trabalho foi encerrado em 1960 (DOTTI, 2014).

Contudo, Dotti (2014) afirma que já em 1962, o registro do uso de animais em terapias tornou-se mais expressivo, com a publicação das experiências positivas de terapias assistidas por animais, realizada pelo psiquiatra Boris Levinson, na qual o médico descreve o uso de animais na prática da psicologia clínica.

Em 1977, a *Delta Society*, um organismo internacional sem fins lucrativos, criado com o objetivo de promover a melhora da saúde humana, sua independência e qualidade de vida com a ajuda de animais, definiu dois tipos de interação: Atividade Assistida por Animais (AAA) e a Terapia Assistida por Animais (TAA). Desde então, os tratamentos clínicos com animais têm se expandido, auxiliando crianças, pacientes psiquiátricos, deficientes e idosos em

diversas situações, como em escolas, hospitais e instituições de longa permanência. A terapia realizada exclusivamente com cães é chamada de cinoterapia. (DOTTI, 2014).

A terapia com animais pode ser implementada, por exemplo, no cuidado pré-operatório de pacientes. A visita de cachorros a centros cirúrgicos retira um pouco a imagem carregada de hospitais, distrai, reduz o estresse anterior à cirurgia, promove melhora no pós-operatório e reduz a necessidade de medicamentos para dor (MILLER; INGRAM, 2000).

O período de pós-operatório também foi abordado em pesquisa executada com pacientes que realizaram cirurgias de artroplastia total. Tais pacientes foram investigados quanto aos efeitos da terapia com cães realizada durante o período de pós-operatório imediato. O uso de cães de terapia obteve efeito positivo no nível de percepção da dor em pacientes, bem como proporcionou maior satisfação com a permanência hospitalar após a realização do procedimento cirúrgico (HARPER et al., 2015).

Em relação à dor física e emocional, buscou-se avaliar os efeitos de visitas de cães a pacientes atendidos em ambulatório especializado no tratamento de dores crônicas. No momento em que os pacientes aguardavam atendimento na sala de espera, foram realizadas terapias com cães e foram, também, aplicadas escalas para avaliação da dor autorreferida, fadiga e do sofrimento emocional, antes e depois de todos os encontros. Após 295 visitas, os dados analisados apontaram que a visita de cães de terapia é capaz de fornecer significativa redução na dor e sofrimento emocional em pacientes com dor crônica (MARCUS et al., 2012).

Em relação ao público infantil, uma pesquisa realizada em um hospital pediátrico da rede privada, na cidade de São Paulo, investigou 13 crianças em internamento transitório. As crianças foram observadas antes, durante e depois das visitas com animais, sendo realizada a atividade inicial de desenho livre, com posterior conversa sobre o desenho e sobre a visita. Os dados foram analisados e deles foram extraídas três principais unidades de significado: prazer no contato com o animal, interação com a equipe e alívio da dor e desconforto. Tais unidades demonstram que a visita dos animais, além de ser uma experiência muito prazerosa para a criança, traz benefícios para a

comunicação terapêutica, bem como diminui a percepção da dor (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

Outro estudo foi realizado com 24 crianças diagnosticadas com leucemia e tumores sólidos. A pesquisa foi realizada em um Ambulatório de Oncologia onde as crianças foram submetidas a três sessões de 30 minutos de terapia assistida por dois cães. Durante os encontros, foram realizadas atividades como estimulação sensorial, treinamento de marcha e socialização. Observou-se, ao final da análise, uma diminuição na dor, irritação e estresse e uma tendência à melhora dos sintomas depressivos (SILVA; OSÓRIO, 2018).

As terapias assistidas por animais também podem ser implementadas em escolas. O projeto de extensão Pet Terapia da Universidade Federal de Pelotas realiza atividades assistidas por cães em diversas instituições do município. As visitas acontecem semanalmente e têm duração de cerca de 60 minutos, nelas são desenvolvidos trabalhos específicos que envolvem desenvolvimento motor, cognitivo, interações sociais, comunicações, utilizando o cão como elemento motivador. No âmbito escolar, os avanços encontrados foram na efetividade das ações, interação social e cognição. Quando os cães estavam presentes, as crianças tornavam-se mais atentas e alegres, demonstrando um nível de interesse maior frente às atividades propostas (NOBRE et al., 2017).

Outro público bastante abordado nas terapias assistidas por animais são os deficientes. Uma pesquisa desenvolvida nas Unidades de Multideficiência Duarte Pacheco e Padre João Coelho Cabanita, localizadas em Loulé, Portugal, administraram a terapia assistida por dois cães em alunos que apresentavam acentuadas limitações no domínio cognitivo, motor e sensorial (visão e audição). As terapias foram desenvolvidas em planos individuais, considerando cada deficiência apresentada. A presença dos animais revelou-se um facilitador inegável para o envolvimento dos alunos nas tarefas propostas, aumentando o nível de atenção, o autocontrole nos comportamentos impulsivos, a comunicação não verbal e a intencionalidade comunicativa. Foi observada, também, uma diminuição de comportamentos de agressividade (GASPAR, 2017).

A terapia assistida por animais foi utilizada em um adolescente diagnosticado com paralisia cerebral quadriparética do tipo espástica. Durante os encontros, cães auxiliaram nas atividades de treino de marcha e equilíbrio, como: marcha lateral e frontal nas barras, ir ao encontro do animal, abdução de membros inferiores para que o cão passasse entre as pernas, troca de posição de decúbito ventral para dorsal, engatinhar para frente e para trás, esconder objetos para o cão procurar, agachamento para acariciá-lo, entre outras. Após 12 sessões de 50 minutos, observou-se uma considerável evolução no desenvolvimento motor e na interação social e afetiva do adolescente (PORTO; QUATRIN, 2014).

Estudo semelhante foi realizado com crianças portadoras de Síndrome de Down. Foram analisadas entrevistas feitas com uma professora, uma psicóloga e três pais de crianças diagnosticadas com a síndrome, após as crianças terem participado de processos de estimulação com o uso de cães na presença dos adultos. As atividades praticadas envolveram aspectos cognitivos e motores, como subir e descer escadas, pular, caminhar, dar comandos para o cão, acariciar, tocar, sentir, entre outros. A pesquisa concluiu que a interação facilitou o processo de ensino e aprendizagem, além de estimular a comunicação e a formação de vínculos (HACK; SANTOS, 2017).

Os cães podem contribuir de inúmeras maneiras, igualmente, para a saúde da população idosa. O contato com animais pode promover o aumento de bem-estar e a diminuição do estresse entre os idosos, considerando que, particularmente nesta faixa etária, as pessoas vivenciam, em sua maioria, a perda de amigos, familiares, o surgimento de doenças crônicas, a aposentadoria e sentem-se isoladas da sociedade (PEREIRA M.; PEREIRA L.; FERREIRA, 2007).

Um estudo realizado em uma Instituição de Longa Permanência no município de Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, selecionou 15 internas da ala psiquiátrica, portadoras de patologias como esquizofrenia, depressão e transtorno bipolar. Essas idosas tinham encontros semanais com cães, que duravam cerca de uma hora e meia. Após um período de um ano de atividades, os pesquisadores chegaram à conclusão de que os encontros proporcionaram apoio emocional, diminuição da solidão e da tristeza, bem como melhoraram a

comunicação e interação com o grupo e com os profissionais de saúde (STUMM et al., 2012).

Em um lar de idosos em Nápoles, na Itália, pesquisadores realizaram atividades psicossociais de reabilitação mediadas por dois cães. A amostra selecionada possuía 20 indivíduos com idades entre 69 e 89 anos. Entre eles, 30% possuíam demência e 70% distúrbios orgânicos altamente associados a transtornos depressivos e cognitivos. Cada sessão durou uma hora e foi realizada semanalmente. A interação se baseava no cuidado e na brincadeira com os animais. Os pesquisadores chegaram à conclusão de que o contato com os cães estimulou a cognição residual e diminuiu os sintomas depressivos. Consideraram, ainda, uma atividade bem-sucedida e de baixo custo (MENNA et al., 2017).

Um trabalho realizado em duas Instituições de Longa Permanência na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, submeteu 23 idosos à visita de cães durante um período de dois meses. Ao longo de 60 minutos semanais, os idosos tinham total liberdade de interação. Eles acariciavam, passeavam com coleira, brincavam com bolinhas, ofereciam petiscos aos cães. Observou-se uma melhora na comunicação, interação, socialização, memória, como também uma diminuição da ansiedade e irritabilidade dos idosos (CARVALHO et al., 2011).

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Estudar os efeitos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação.

3.2 ESPECÍFICOS

- Caracterizar o idoso proprietário de cães de estimação, segundo dados sociodemográficos e de saúde;
- Identificar os efeitos positivos e negativos do convívio domiciliar com cães de estimação para a saúde dos idosos;
- Descrever os sentimentos do idoso em relação ao seu cão de estimação.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

4.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório que utilizará como técnica entrevista aberta semiestruturada em profundidade.

Denzin e Lincoln (2005) destacam que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seu *setting* natural, ou seja, não construído artificialmente, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos nos termos das significações que as pessoas trazem para estes. Outra definição foi elaborada pelas enfermeiras Morse e Field (1995), que caracterizam o método qualitativo como indutivo, holístico, êmico, subjetivo e orientado para o processo. Este tipo de pesquisa é utilizado para compreender, interpretar, descrever e desenvolver teorias relativas a um fenômeno ou a um *setting*. Ela tem o objetivo de criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos e de entender como o objeto de estudo acontece ou se manifesta.

A metodologia qualitativa aplicada à saúde, nesse mesmo sentido, estuda os fenômenos procurando entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas. Em torno do que as coisas significam, as pessoas podem organizar seus modos de vida e os cuidados com a própria saúde. Assim, torna-se indispensável saber o que os fenômenos da doença e da vida representam para elas (TURATO, 2005).

Ratifica-se, dessa forma, que o alvo principal das pesquisas qualitativas é a significação que um fenômeno ganha para os que o vivenciam. Dessa maneira, a presente pesquisa pretende conhecer as vivências e representações que os idosos possuem de suas experiências ao conviver com seus cães de estimação.

A técnica da entrevista aberta semiestruturada representa uma espécie de mergulho em profundidade, em que são coletados dados sobre o modo como cada um dos sujeitos percebe e significa sua realidade, levantando informações consistentes que permitem descrever e compreender a lógica que existe nas relações. Logo, a técnica mostra-se bastante apropriada para este

tipo de investigação, uma vez que consegue colher elementos de difícil detecção por outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004).

4.2 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) que é uma unidade ambulatorial de atenção à saúde do idoso, criada em dezembro de 1999, de iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O NAI, subprograma do Programa do Idoso (PROIDOSO), oferece atendimentos individuais à população idosa e dispõe de uma equipe multidisciplinar formada pelas áreas de medicina, nutrição, odontologia, psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e fisioterapia. Também são realizados atendimentos em grupos, por meio de oficinas temáticas, destinadas à promoção/recuperação da saúde e melhoria das condições de saúde integral dos idosos, ofertando, também, atividades de orientação a familiares e cuidadores. O NAI dispõe, ainda, de práticas de Reiki e terapia floral, além de cursos de capoeira, bioenergética e arteterapia.

4.3 PARTICIPANTES

Os participantes foram selecionados de maneira aleatória e por conveniência, dentre os idosos atendidos na unidade e/ou que realizam um ou mais cursos oferecidos no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O número total de idosos foi definido pela saturação de falas, no decorrer das entrevistas.

O estudo possui, como critérios de inclusão, possuir em domicílio, ao menos, um cão de estimação, pelo período mínimo de um ano, bem como ser proprietário do animal, e, como critérios de exclusão, possuir diagnóstico de demência, déficit auditivo ou disfasias que impossibilitem a comunicação adequada para a realização da pesquisa.

4.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

- Roteiro de Entrevista – Dados Sociodemográficos e de Saúde e Convívio com Cães de Estimação (APÊNDICE A).

4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os voluntários foram entrevistados em salas privativas disponibilizadas para a realização da coleta dos Dados Sociodemográficos e de Saúde e para a gravação do áudio sobre o Convívio com Cães de Estimação (APÊNDICE A). O ambiente reservado para a realização das entrevistas favoreceu a boa captação do áudio, bem como proporcionou um clima confortável para a livre expressão dos idosos. O instrumento operacional utilizado foi o gravador de voz Sony ICD-PX240.

A coleta de dados e entrevistas foi realizada entre os meses de maio e agosto de 2018. Durante todos os dias de pesquisa, utilizou-se um diário de campo. Através da observação direta dos idosos, foram anotadas expressões faciais, gestos e comportamentos identificados durante as interações.

4.6 ANÁLISE DE DADOS

Os Dados Sociodemográficos e de Saúde foram copiados para uma planilha e, posteriormente, sistematizados em tabela e quadro demonstrativos, que caracterizaram o perfil dos idosos proprietários de cães de estimação.

As entrevistas sobre a Convivência com Cães de Estimação foram transcritas e as falas dos idosos foram examinadas de maneira detalhada e intensiva através da análise de conteúdo, com posterior categorização temática.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens. Dentre essas técnicas, se encontra a análise categorial, que busca desmembrar o texto em unidades ou categorias, segundo reagrupamentos analógicos. Essa técnica se compõe em três grandes etapas:

1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados e interpretação. A primeira etapa é a fase de organização, que pode utilizar procedimentos como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa, os dados serão codificados a partir das unidades de registro. Por fim, é feita a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns (BARDIN, 2011).

Para preservar a identidade dos participantes, os idosos foram numerados de 1 a 20, por ordem de realização das entrevistas. Além disso, para evitar possíveis associações entre o nome dos cães e seus donos, os animais foram chamados por nomes fictícios de cores. As unidades de sentido que emergiram das transcrições abordaram os efeitos positivos e negativos da convivência domiciliar com cães, bem como os sentimentos dos idosos em relação ao seu cão de estimação. As falas mais frequentes e/ou que obtiveram maior destaque foram comparadas com a literatura nacional e internacional existente sobre o tema.

4.7 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa seguiu as diretrizes e normas encontradas na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa em seres humanos, bem como possui Carta de Anuência para realização das entrevistas no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A coleta de dados se iniciou, apenas, após a aprovação do projeto no Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CCS-UFPE), bem como os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) após os devidos esclarecimentos. A pesquisa foi aprovada sob CAAE 80073817.8.0000.5208 (Parecer CEP – ANEXO).

Os dados coletados nesta pesquisa (entrevistas, gravações de áudio, questionários) ficarão armazenados em computador pessoal, sob a

responsabilidade da pesquisadora, no endereço Rua Manoel Arão, nº 85, Apt. 501, Espinheiro, Recife-PE, CEP: 52020-100, pelo período de mínimo 5 anos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer das entrevistas, percebeu-se que as idosas começaram a repetir informações já coletadas em outros encontros. Por tal razão, ao finalizar a entrevista de número 20, foi constatada a saturação de falas e encerrada a coleta de dados. Para evitar possíveis associações entre o nome dos cães e seus donos, os animais foram chamados pelos nomes das seguintes cores: amarelo, azul, rosa, verde, lilás, vermelho e marrom.

Os dados obtidos através das entrevistas passaram pelo processo de análise de conteúdo e os elementos foram classificados por categorização temática, segundo suas semelhanças, em 9 eixos temáticos: suporte emocional, atividade física, contato social, sensação de segurança, alergia e infecções, medo e quedas, gasto financeiro e trabalho, processo de luto e significado.

Inicialmente, serão apresentados os dados sociodemográficos e de saúde colhidos na presente pesquisa, a fim de caracterizar a população investigada, e, posteriormente, cada unidade de sentido será discutida e confrontada com a literatura existente sobre o tema.

5.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E DE SAÚDE DO IDOSO PROPRIETÁRIO DE CÃO DE ESTIMAÇÃO

Na apresentação dos dados sociodemográficos, verifica-se na Tabela 1 que o sexo feminino destacou-se de tal maneira que representou a totalidade dos indivíduos entrevistados. Tal achado pode ser justificado pelo processo de feminização da velhice e do cuidado.

O número de mulheres que sobrevivem até o grupo etário idoso e nele permanecem é maior que o de homens. Em 1955, a população total de idosos era de 7,7 milhões, sendo 55% mulheres, o que representa uma razão de sexos na ordem de 0,817. Em 2050, a população idosa alcançaria 38,3 milhões, sendo 58,4% mulheres, ou seja, existiriam, em média, 14 mulheres para cada 10 homens (MOREIRA, 1998). Segundo o IBGE (2010), a proporção de

pessoas com 60 anos ou mais no Brasil é formada por 11,8% de mulheres e 9,8% de homens.

Tabela 1- Perfil do idoso proprietário de cão de estimação segundo dados sociodemográficos. Recife/PE, Brasil, 2018.

Dados	N	%
Sexo		
Feminino	20	100
Masculino	0	0
Faixa Etária		
60-70 anos	12	60
71-80 anos	8	40
>80 anos	0	0
Estado Civil		
Solteiro(a)	3	15
Casado(a)	7	35
Divorciado(a)	6	30
Viúvo(a)	3	15
União Estável	1	5
Nível de Escolaridade		
Sem escolaridade	0	0
Ensino Fundamental Incompleto	3	15
Ensino Fundamental Completo	4	20
Ensino Médio Incompleto	0	0
Ensino Médio Completo	9	45
Ensino Superior Incompleto	1	5
Ensino Superior Completo	3	15
Moradia		
Própria	18	90
Alugada	1	5
Cedida	1	5
Arranjo Familiar		
Sozinho(a)	4	20
Com esposo(a)	2	10
Com esposo(a) e filhos(as)	3	15
Com esposo(a), filhos(as) e netos(as)	1	5
Com esposo(a) e netos(as)	1	5
Com filhos(as)	4	20
Com netos(as)	2	10
Com filhos(as) e netos(os)	3	15
Rendimento Mensal		
Sem rendimento	3	15
1-2 Salários-mínimos	13	65
3-4 Salários-mínimos	4	20
>4 Salários-mínimos	0	0

Fonte: Dados da pesquisa. N=20.

Outro fator importante é o da feminização do cuidado. Segundo Lopes (2005), a ação do cuidado é considerada feminina e produto das “qualidades naturais” das mulheres, fornecendo, dessa forma, atributos e coerência ao seu exercício no espaço formal e informal. Não é diferente, neste caso, do cuidado com os cães de estimação, uma vez que, na maioria dos casos, a atribuição de cuidar é destinada à mulher.

Além dos elementos apresentados acima, é possível que o local de pesquisa, de igual modo, tenha contribuído para a formação de um grupo exclusivo de mulheres. A investigação foi realizada em uma unidade ambulatorial de saúde do idoso onde o público feminino predomina em razão de serem elas as que mais cuidam de suas saúdes. Outra razão pode ser atribuída à maior disponibilidade das mulheres em participar de pesquisas e expressar sentimentos quando comparado aos homens.

Quanto à faixa etária, observou-se que 12 idosas possuíam entre 60 e 70 anos, 8 idosas possuíam entre 71 e 80 anos e nenhuma das participantes possuíam mais de 80 anos de idade. Os dados demonstram que a população idosa mais nova tende a possuir mais cães de estimação, e, com o passar dos anos, essa posse diminui. É possível que, com a avançar da idade e o aparecimento de doenças, muitos idosos tornem-se ou sintam-se incapazes de cuidar de animais de estimação, conforme depoimento abaixo:

[...] Depois que adoeci, não posso mais criar animal, porque minha força é muito pouca. IDOSA 10

A distribuição do estado civil das idosas mostrou-se regular. A maioria delas estava casada (35%) ou divorciada (30%). Em relação ao nível de escolaridade, observaram-se formações acadêmicas bastante distintas. A maioria possuía ensino médio completo (45%), três delas não haviam terminado o ensino fundamental, enquanto outras três completaram o ensino superior.

Em relação à moradia, quase a totalidade das idosas possuía casa própria. A distribuição do arranjo familiar mostrou-se diversificada em suas

composições, porém, em termos quantitativos, a maioria das idosas morava sozinha (20%) ou com filhos (20%). Quanto à renda mensal, 15% não possuíam rendimento, 65% recebiam entre um e dois salários mínimos e 20% entre três e quatro. Nenhuma delas recebia valor superior a quatro salários mínimos.

Quadro 1- Doenças diagnosticadas autorreferidas pelos idosos proprietários de cão de estimação. Recife/PE, Brasil, 2018.

Idosos	Doenças Referidas				Nega Doenças
	HAS	DM	Osteoarticulares	Depressão	
1					X
2					X
3					X
4			X		
5			X		
6		X		X	
7			X		
8	X	X	X	X	
9	X	X			
10	X	X	X	X	
11	X	X		X	
12	X	X	X	X	
13	X		X		
14	X		X		
15		X	X	X	
16	X		X		
17			X	X	
18	X		X		
19	X				
20	X	X	X		

Fonte: Dados da pesquisa.

Observam-se, no Quadro 1, as doenças diagnosticadas autorreferidas pelas idosas proprietários de cão de estimação. Percebe-se que a maioria das idosas disse apresentar mais de uma doença ao mesmo tempo, ao passo em que apenas 4 idosas indicaram somente uma patologia. As doenças osteoarticulares se destacaram com 13 idosas, seguidas da hipertensão, com 11, e da diabetes mellitus, com 8. Em relação à depressão, 7 idosas afirmaram

ter tido diagnóstico ou estar em tratamento para a patologia. Somente três idosas negaram quaisquer diagnósticos.

5.2 SUPORTE EMOCIONAL

O suporte emocional decorrente da posse do cão de estimação foi destaque nas entrevistas realizadas. Os principais pontos abordados foram diminuição da solidão, do estresse e da tristeza, incremento dos sentimentos de conforto e alegria, momentos de conversa e distração com os cães, sensação de companhia e aumento da autoestima. A maioria das idosas relatou sentir-se acompanhada, até mesmo aquelas que não demonstravam um vínculo afetivo forte com seus cães de estimação. Enquanto se expressavam, as idosas se mostraram sorridentes e confortáveis ao falar sobre o tema.

A teoria do apego de Bowlby (1977) enfatiza a necessidade humana de ser ligado a alguém, estar perto, formar e manter relacionamentos e a necessidade de um sentimento de pertença. Nesse sentido, o vínculo formado entre o homem e o animal de estimação pode fornecer uma acessível fonte de apoio emocional para as pessoas (LAZARUS; FOLKMAN, 1987; MCNICHOLAS, 2005).

Nessa perspectiva, é da natureza do ser humano desejar companhia e amor. Na maioria dos casos, os animais de estimação podem satisfazer tanto o anseio por companhia, quanto o desejo de afeto. Para algumas pessoas, um animal de estimação é apenas um animal. No entanto, ele pode ser um amigo verdadeiro e fiel. Com bastante frequência, a companhia de um animal de estimação é subestimada, embora o mesmo seja muitas vezes companheiro íntimo de muitos idosos, ajudando, dessa forma, a combater a solidão (SCHEIBECK et al., 2011). Tal afirmativa está em consonância com os depoimentos abaixo:

[...] Acho que faz companhia e muita viu. Oxente, quando sai todo mundo e eu tô em casa, é a minha companhia, viu. [...] Eu acho que mudou muito, viu. Porque antes a gente não tinha

muito o que fazer, um casal de velhos, né (risos). Às vezes um cachorro alegre muito a pessoa. A pessoa não fica tão triste. Eles chegam com uma alegria tão grande que parece que transmite para a gente, né. Se tiver sentindo alguma coisa, a gente brinca um pouquinho com eles que passa. Influi muito na gente viu e é bom! IDOSA 13

[...] Quando estou só, vou lá e fico com eles. É uma boa companhia, eu estou aqui e já estou com saudades deles. IDOSA 19

A solidão é considerada um problema de saúde pública, uma vez que está associada a uma série de resultados negativos para a saúde e para comportamentos de saúde. Diversas pesquisas apontam sua relação com doenças cardiovasculares, depressão e doença de Alzheimer. Ela também é apontada como um acelerador da mortalidade (THURSTON; KUBZANSKY, 2009; UDELL et al., 2012; CACIOPPO et al., 2006; WILSON et al., 2007; OLSEN et al., 1991; PENNINX et al., 1997; PERISSINOTTO; COVINSKY; CENZER, 2012).

Com grande poder lesivo, o sentimento de solidão pode ser combatido através do convívio com cães de estimação. Stanley et al. (2014), afirma que idosos donos desses animais são 36% menos propensos a relatar solidão que os não proprietários. Na mesma direção, as idosas entrevistadas no presente estudo enfatizaram o sentimento de companhia decorrente da posse do cão de estimação, conforme comentários abaixo transcritos:

[...] Então a companhia é muito boa. Passo a maior parte do tempo só, minha filha trabalha, faz faculdade, então quase não me dá atenção, então quem fica comigo é Amarelo. Não tem como escapar daquela companhiazinha que vai atrás de você onde você vai. IDOSA 1

[...] Sempre que estou em casa brinco com elas, converso. Para mim é bom porque eu moro sozinha e falo: Cadê minhas negas? E elas ficam fazendo festa para mim. Converso com elas e meu dia vai passando. IDOSA 4

Em humanos, estados afetivos negativos, como a depressão, estão associados à mortalidade prematura e ao aumento do risco de doença

coronariana, diabetes tipo 2 e incapacidades. Por outro lado, estados afetivos positivos, como os que surgem de relacionamentos próximos, são protetores (STEPTOE; WARDLE; MARMOT, 2005).

Há cada vez mais evidências sugerindo que uma relação próxima com um animal de estimação está associada com efeitos significativos na saúde das pessoas. Os desfechos mais citados são: fatores de risco reduzidos para doença cardiovascular, como doença coronariana, maior chance de sobrevivência após infarto do miocárdio, menor necessidade de serviços médicos durante eventos estressantes e uma redução altamente significativa nos problemas de saúde durante todos os dias dos primeiros meses após a aquisição de um animal de estimação (DEMBICKI; ANDERSON, 1980; ANDERSON; REID; JENNINGS, 1996; FRIEDMANN; THOMAS, 1995; FRIEDMANN; KATCHER, 1980; SIEGEL, 1990; SERPELL, 1991).

A presença de um animal e até mesmo a simples observação deles pode tamponar respostas fisiológicas e psicológicas ao estresse e à ansiedade. Evidências apontam que uma diminuição transitória da pressão arterial e da frequência cardíaca tem sido observada na presença de um cão de companhia, como também, ao interagir com cães desconhecidos e amigáveis (DESHRIVER; RIDDICK, 1990; WELLS, 1991; ALLEN ET AL., 1991; ALLEN; SHYKOFF; IZZO, 2001; FRIEDMANN; LOCKER; LOCKWOOD, 1993; FRIEDMANN ET AL., 2007; ALLEN; BLASCOVICH; MENDES, 2002).

[...]Azul veio em um momento assim divisor de águas. Eu estava entrando na menopausa, meus filhos adolescentes, meu pai faleceu, me aposentei. E olhe que me preparei bem para a aposentadoria, mas fui surpreendida por outras questões. Então o cachorro foi tranquilizador. [...] O cachorro é um suporte maravilhoso. Porque a partir do momento que você está com uma criaturinha que te faz rir quando você está chateada, te faz um carinhozinho. Engraçado, ele percebe quando estamos assim, ele fica lá pedindo carinho até você sair daquela preocupação sua e ir lá fazer carinho. É como se ele me tirasse daquele universo em que tô estressada. IDOSA 5

Alguns estudos demonstram o papel da ocitocina no mecanismo subjacente à ligação entre humanos e animais e seu efeito redutor do estresse. Evidências apontam que estar envolvido em uma interação positiva com um

cão pode ser tão relaxante quanto a leitura tranquila de um livro, reduzindo, inclusive, níveis de cortisol no sangue (ODENDAAL; MEINTJES, 2003). Nagasawa et al. (2009) constatou que a concentração de ocitocina na urina de donos de cães está positivamente relacionada à quantidade de olhar recíproco com o cão, o que pode indicar a existência de comportamento de apego entre espécies e regulação comportamental mútua, como pode ser observado nas seguintes declarações, prestadas por uma das idosas entrevistadas na presente pesquisa:

[...] Se eu estiver deitada, ela se deita bem pertinho. Faz muita companhia, só mora eu e Rosa. Quando demoro a sair do quarto, ela fica me chamando, arranhando a porta. Como quem diz: houve alguma coisa? Eu acho que quem cria um cão com muito amor não tem depressão. [...] Eu sinto uma presença, quando vou rezar o terço ela fica junto de mim, aí rezo alto para ela escutar. Ela não reza também, né (risos), mas acompanha. IDOSA 9

Uma pesquisa qualitativa realizada na Suécia teve como objetivo explorar as experiências de vida de idosos e seus animais de companhia, após a ocorrência de um Acidente Vascular Encefálico (AVE). Os participantes afirmaram que o animal desviou a atenção da doença e contribuiu para pensamentos mais agradáveis, sendo um suporte no momento em que se sentiam deprimidos e uma razão para lutar pela recuperação. Constatou-se, também, que os animais transmitiram um sentimento de pertença aos idosos que moravam sozinhos (JOHANSSON; AHLSTRÖM; JÖNSSON, 2014). Tal sensação de suporte emocional também se evidenciou no depoimento a seguir:

[...] Eu sinto assim que eles melhoram muito a vida da gente. Eu não senti mais depressão, eles são amigos! Eles nos amam incondicionalmente, o cachorro não ama porque você tem isso, aquilo outro, é rico. Eles amam seja você quem for. [...] Eu sinto como se estivesse uma pessoa comigo, ela faz muita companhia. Já tive muitos problemas na vida, como percas. Perca de pai, do meu irmão. Nesses momentos, ela foi muito boa, é minha companhia. Me dá alegria, com ela não me sinto só. IDOSA 6

Em sentido oposto ao relato acima, pesquisa realizada na Noruega investigou sintomas de depressão autorreferidos em idosos proprietários de cães, gatos e não proprietários de animais de estimação. Após análise dos dados, constatou-se um número maior de sintomas de depressão em idosos proprietários de gatos, do que em proprietários de cães e não proprietários. Dessa forma, concluiu-se que os sintomas de depressão em idosos não reduziram entre os donos de animais (ENMARKERA et al., 2015).

Não se pode perder de vista, no entanto, que, considerando que a tarefa de cuidar de um cão significa uma grande responsabilidade, esses animais conferem significado às vidas dos idosos. Além disso, os cães dão aos seus dias certa estrutura, fornecendo horários fixos para refeições e caminhadas, bem como proporcionam às pessoas idosas a sensação de que elas possuem um propósito para com o cão (SCHEIBECK et al., 2011). Tal afirmativa é ratificada pelo discurso abaixo:

[...] Meu marido morreu faz 5 anos, mas agora eu tenho um objetivo. Eu não quero ficar na cama prostrada assistindo televisão. Eu sei que naquela hora eu tenho que levantar colocar a comida para elas, vou me mexer, me ocupar, é importante! A partir do momento que tenho a consciência que tenho que cuidar de um ser vivo, para mim é importante, elas dependem de tudo isso. IDOSA 7

Suthers-McCabe (2001) considera que a relação homem-animal de estimação é talvez mais intensa e profunda na velhice do que em qualquer outro ciclo da vida. O autor afirma, em concordância com os achados da corrente pesquisa, que essa interação se reveste de um caráter benéfico e dinâmico, uma vez que inclui não somente a companhia proporcionada pelos animais de estimação, como também as trocas de vivências emocionais e psicológicas entre eles. Um cão de companhia pode proporcionar uma vida mais harmoniosa, atrativa e dinâmica, valorizando as capacidades, as competências, os saberes do idoso, aumentando, dessa forma, sua autoestima e autoconfiança, até mesmo, ao realizar atividades de cuidado básico, como alimentação, higiene e imunização dos cães (COSTA et al. 2009).

Em sintonia com os resultados predominantes na literatura existente sobre a matéria, o exame dos dados coletados no presente estudo levou à constatação de que o suporte emocional conferido pelos cães às idosas é um efeito positivo da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação, uma vez que a maioria dos relatos evidenciou sentimentos de alegria, relaxamento, autoconfiança, bem-estar e satisfação com a vida. Esse apoio emocional se mostrou tão importante ao ponto de a IDOSA 6 afirmar não sentir mais depressão devido à companhia de seu cão de estimação e a IDOSA 9 ressaltar que acredita que quem cria um animal com amor não tem depressão. Todo esse suporte contribui de maneira significativa para a saúde mental, como também, indiretamente, para a saúde física dos idosos, prevenindo possíveis doenças e atenuando sintomas.

5.3 ATIVIDADE FÍSICA

Diversas idosas relataram praticar algum tipo de atividade física com seus cães de estimação, principalmente, caminhadas. Existiram relatos de brincadeiras com bolas, garrafas plásticas, vassoura, até simples ações, como enxugar e escovar o pelo de seus cães. Uma das idosas afirmou praticar, até mesmo, natação com sua cadela, quando as duas vão à praia juntas, como demonstrado no trecho a seguir:

[...] Eu passeio com ela logo de manhã cedinho, ele me acompanha para onde eu for, volta toma banho, vida normal. Brinco com ela. Ela nada, quando a gente vai para praia, ela nada comigo. IDOSA 9

A diminuição dos níveis de atividade física com o avanço da idade parece ser uma característica própria do processo de envelhecimento. Tal constatação está relacionada à redução na função mitocondrial dos músculos esqueléticos, e, também, a outros fatores regulatórios ainda não conhecidos que afetam a motivação dos idosos para a prática de atividades físicas (NAIR, 2005).

Pacheco-Ferreira (2012) verificou em sua pesquisa que os idosos gostariam de ter um animal de estimação para que ele os motivasse a sair e caminhar. No presente estudo, o cão de companhia, de igual modo, apresentou-se como um fator de motivação para atividades físicas:

[...] Eu vivia muito só e deitada, com ele (cão) eu não posso me deitar. Ele fica querendo ficar comigo, aí eu termino brincando. Saio para passear com ele, mas à noite e de manhãzinha quando termino de fazer as coisas, vou dá uma caminhadinha.
IDOSA 14

Muitas alterações orgânicas, associadas à inatividade física, levam o idoso a uma condição degenerativa crescente de suas capacidades, acarretando o aparecimento de problemas, como a perda do equilíbrio (ataxia) e o comprometimento da marcha (MATSUDO, 2009). Entretanto, Weineck (2005) afirma que grande parte dos efeitos deletérios do envelhecimento pode ser amenizada pela prática regular de exercícios físicos, inclusive, para indivíduos com patologias já instaladas, proporcionando um melhor controle da doença, evitando sua progressão e reabilitando o idoso.

Sabe-se que a inatividade física é um dos fatores de risco mais importantes para as doenças crônicas, associada à dieta inadequada e ao tabagismo. Os benefícios da atividade física para a saúde do idoso têm sido amplamente discutidos. Entre os principais benefícios, estão a melhora do funcionamento corporal, a diminuição das perdas funcionais e a preservação da independência. As caminhadas, muito frequentes entre os idosos, são capazes de diminuir em 40% o risco de morte por doenças cardiovasculares e, associadas a uma dieta adequada, são capazes de reduzir em 58% o risco de progressão do diabetes tipo II (BRASIL, 2006).

Matsudo (2009) ressalta, ainda, os benefícios da atividade física para a melhora da sensibilidade à insulina, levando a um melhor controle glicêmico, o que previne o desenvolvimento da diabetes, e, também, o aumento da fração de HDL e a diminuição do LDL e dos triglicerídeos, o que previne agravos cardiovasculares. Com o envelhecimento, ocorre um aumento do percentual de gordura corporal e uma diminuição da massa muscular, porém, a prática de exercícios reduz essas modificações. Além disso, ajuda a melhorar a massa

óssea, diminuindo o risco de fraturas, e a melhorar a imunidade, o que pode diminuir a incidência de infecções.

[...] Eu joga e chuto a bola para elas pegarem, mas elas não conseguem porque a bola é muito grande, mas aí vou lá tomar e joga novamente. IDOSA 4

Uma investigação realizada na cidade de Tayside, na Escócia, com idosos da comunidade constatou que o nível de atividade física dos donos de cães foi 27% maior do que o dos não proprietários, relação que permaneceu positiva mesmo após o controle de um grande número de variáveis individuais e contextuais, que incluíam a atitude para o exercício, a intenção e o histórico de atividades físicas. Apontou-se, dessa forma, para uma associação positiva entre a posse de um cão de estimação e a prática de atividade física (FENG et al., 2014).

Garcia et al. (2015) buscou examinar as associações transversais entre a propriedade do cão e as medidas de atividade física em uma amostra bem caracterizada e diversificada de mulheres na pós-menopausa. Possuir um cão foi associado a uma maior probabilidade de andar um quantitativo igual ou superior a 150 minutos por semana e a 14% menos probabilidade de ser sedentária em comparação com as idosas que não possuíam um cão. Verificou-se, desse modo, que a posse de cães está associada ao aumento da atividade física em mulheres idosas, particularmente entre mulheres que moram sozinhas. Tais pesquisas estão em correspondência com o trecho a seguir:

[...] O trabalho que ele dá é que eu desço três vezes ao dia com ele, porque eu moro no primeiro andar. Ele me leva para passear (risos). Os passeios é obrigação, né. Porque ele cobra, fica chamando para sair, já sabe a hora, parece que tem um relógio, né. IDOSA 11

O presente estudo constatou que os benefícios físicos adquiridos pelos idosos não resultam, apenas, das caminhadas ao ar livre, mas também, das movimentações praticadas em suas próprias casas ao brincar e cuidar do cão.

Rondeau et al. (2010) confirma tal achado, afirmando que brincadeiras de seguir o animal contribuem, por exemplo, para a reeducação da marcha.

Outros autores ressaltam que os simples atos de acariciar, pentear e jogar a bola para o cão são ótimos exercícios de coordenação de movimentos e, também, ajudam a controlar o estresse, diminuir a pressão arterial e o risco de problemas cardíacos (KAWAKAMI; NAKANO, 2003). Stumm (2012) ratifica tais assertivas, afirmando, igualmente, que a coordenação motora é aprimorada pelo ato de escovar e acariciar o animal, ações demonstradas abaixo:

[...] “Toda semana dou banho neles, enxugo com secador, penteio, passo a escova, tudo, e gosto, é um prazer.” IDOSA 17

Observou-se, portanto, que o estímulo à prática de atividades físicas, seja em caminhadas com os cães, seja em cuidados e brincadeiras dentro de casa, é outro efeito positivo que a convivência com o animal proporciona para a saúde da população idosa. Considerando que tais práticas preservam a capacidade funcional do idoso e previnem o surgimento de doenças crônicas, a convivência domiciliar com cães, neste aspecto, é extremamente importante para o idoso.

5.4 CONTATO SOCIAL

Em relação ao contato social, algumas idosas relataram encontrar pessoas desconhecidas, bem como fazer novas amizades, principalmente, durante os passeios com os cães. A maioria afirmou manter uma rede de contatos em sua própria região de residência, como ruas vizinhas, praças e condomínios, lugares nos quais costumam passear com mais frequência. Uma das idosas relatou que precisava sair um pouco para que seu cão “visse gente”, não considerando sua própria necessidade de interação social. Outro lugar de interação citado nas entrevistas foi o *pet shop* para banho e tosa e clínicas veterinárias para consultas e vacinas. A idosa a seguir relatou conversar com outras pessoas enquanto aguarda atendimento veterinário:

[...] Parece um filho quando você está no pediatra, várias mães conversam, a mesma coisa é no veterinário, a gente troca ideias, olha o meu fez aquilo, olha o teu é tão bonitinho, tem quantos anos? Olha faz isso. IDOSA 1

Na maioria das sociedades, o “ficar velho” é sinônimo de exclusão de uma vida social, construída e legitimada ao longo dos anos. Nessa fase da vida, inicia-se a perda de pessoas próximas, como cônjuges e amigos, separação dos filhos e colegas de trabalho, devido ao início de aposentadoria. Todos esses fatores tendem a diminuir a rede de contato social do idoso, o que pode desencadear uma série de efeitos negativos em sua saúde (GUEDES et al., 2017).

Scheibeck et al. (2011) ressalta que muitos idosos sofrem de solidão depois que perdem o parceiro ou depois de se aposentar, sentindo, muitas vezes, uma falta de propósito e de sentido para a vida cotidiana. Essas novas circunstâncias fazem com que os idosos diminuam ou percam seus contatos sociais. Entretanto, um cão de estimação pode servir como uma espécie de meio através do qual os contatos sociais podem ser estabelecidos em situações cotidianas, como destacado abaixo:

[...] Quando saio com ele, encontro outras pessoas. Lá onde eu moro tem muitos cachorros. Eu converso com as outras pessoas e ele brinca com os outros cachorros e pessoas também. IDOSA 14

Segundo Santos et al. (2002), a qualidade de vida do idoso está relacionada a vários componentes, tais como: capacidade funcional, estado emocional, atividade intelectual, autoproteção de saúde e interação social. Outros autores conferem maior ênfase à interação social, afirmando que uma maior qualidade de vida e longevidade está relacionada a uma vida social intensa, apontando, ainda, uma relação direta entre relacionamentos sociais, qualidade de vida e capacidade funcional e uma relação inversa desses fatores com a depressão (FLECK et al., 2002; XAVIER et al., 2001).

Um conjunto de evidências sugere que a deterioração da saúde pode ser causada não somente por um desgaste natural do organismo, sedentarismo ou uso de tabaco, mas, também, pela redução da quantidade ou qualidade das relações sociais (RAMOS, 2002). Andrade & Vaitsman (2002) reforçam que a pobreza de relações sociais como um fator de risco à saúde tem sido considerada tão danosa quanto o fumo, a pressão arterial elevada, a obesidade e a ausência de atividade física. De uma forma geral, pode-se argumentar que as pessoas que têm maior contato social vivem mais e com melhor saúde do que as pessoas com menor contato social (DRESSLER; BALIEIRO & SANTOS, 1997). Tais encontros podem acontecer em decorrência de atividades realizadas com os cães, como destacado, por exemplo, no trecho a seguir:

[...] Já conheço as pessoas do condomínio. O que acontece é que a gente encontra mais, né. A gente conversa um pouquinho, Verde, também, faz amizade com outros cachorros e assim vai.
IDOSA 11

Uma pesquisa que entrevistou idosos que possuíam animais de estimação constatou que ter um cachorro ajudou a fazê-los parte de uma rede social, colocando-os em contato com outras pessoas quando estão caminhando com seus cães. Um participante apontou que outras pessoas sem animais de companhia tendiam a ser mais isoladas e não falavam quando eram encontradas, em vez disso, permaneciam em silêncio e continuavam a andar, acrescentando ainda: “O cão me motivou a começar a andar, embora fosse difícil e causasse dor nas minhas pernas. Sem o cão eu teria ficado deprimido, agora posso sair e encontrar pessoas na vizinhança.” (JOHANSSON; AHLSTRÖM; JÖNSSON, 2014).

[...] Tenho muitas amizades, chego na praça tem uma moça que tem uma cachorrinha chamada Lilás, ela é solteirona e cuida de uma mãe doente. Ela leva Lilás para todos os cantos. É uma alegria quando a gente se encontra, os cachorros adoram.
IDOSA 17

No mesmo sentido, a caminhada com cães levou os participantes de outra pesquisa à conexão com a natureza, com outras pessoas e também com o próprio cão. Caminhar com um cachorro incentivou o contato social e o animal foi considerado um “quebra-gelo”. Por vezes, breves interações dos idosos com desconhecidos se transformaram em amizades firmes. Embora o contato social intensificado tenha sido relatado como um resultado da caminhada com o cão, ele foi percebido, também, como uma necessidade em circunstâncias específicas, por exemplo, um senhor idoso que vive sozinho. Alguns donos relataram, ainda, que eram mais interessados na experiência de estar com o cão e consideravam indesejadas as interações com outras pessoas (WESTGARTH et al., 2017).

Wood et al. (2015) observou que donos de animais são significativamente mais propensos a conhecer pessoas na vizinhança do que os não proprietários de animais. Em seu estudo cerca de 40% dos donos relataram receber tipos de apoio social como o emocional e o instrumental, por meio de pessoas que conheceram através do seu animal de estimação. O autor concluiu que animais de companhia, como cães, podem ser um catalisador para as relações sociais humanas em ambientes de vizinhança, variando de interação social acidental até a formação de novas amizades. Para muitos proprietários, seus animais de estimação também facilitaram relacionamentos dos quais resultam formas tangíveis de apoio social, tanto de apoio prático, quanto emocional.

De modo semelhante à literatura encontrada, a presente pesquisa constatou que a posse de um cão de companhia ajuda na manutenção da vida social do idoso, o que fortalece sua saúde física e mental e contribui para uma maior qualidade de vida. Dessa forma, o contato social proporcionado pelos companheiros caninos é mais um fator benéfico ao idoso.

5.5 SENSAÇÃO DE SEGURANÇA

Algumas idosas afirmaram que se sentiam mais seguras na presença de seus cães de estimação. Essa sensação conferiu maior autonomia e confiança às idosas para que permanecessem em suas próprias casas ou realizassem

pequenas atividades acompanhadas por seus cães com maior tranquilidade, como passar por locais considerados de algum modo inseguro por elas.

[...] Chamo ele para ir lá atrás da casa, tenho medo, aí ele vai na frente para ver se tem bicho. E quando tem algo fora do contexto, ele começa a dar um sinal diferenciado. Ele late e fica olhando, então já sabemos que está acontecendo algo. É uma criaturinha que eu tenho dentro de casa como se fosse meu guarda costa. É como se ele me desse suporte para entrar e sair de casa. IDOSA 5

Sabe-se que entre os inúmeros serviços hoje prestados pelos cães à sociedade, a atividade de guarda e sentinela, desde os primórdios, é a mais reconhecida e utilizada pelo homem (SAKATA, 2015). Mais de uma idosa chegou a chamar seus cães de estimação de guardas. Uma delas até referiu dormir sem outras pessoas em sua casa, porém, na presença do animal. A conduta do cão de monitorar e avisar quanto a pessoas ou situações estranhas foi destaque em suas falas.

[...] Eu digo também que são meus guardas (risos). Já cheguei a dormir sozinha, sem outra pessoa em casa, mas sempre com eles por perto. Qualquer zoadada ela late e eu falo com ela e vejo se está tudo bem. IDOSA 6

[...] Quando é à noite e chega alguém, ela não fica quieta, é como se estivesse me avisando. IDOSA 4

Degeling e Rock (2012) constataram em sua pesquisa que a presença de um cão de estimação nas caminhadas de idosos proporcionou, de alguma forma, a sensação de segurança para eles, especialmente, quando esses passeios eram realizados tarde da noite. Uma das idosas se expressou neste sentido ao falar sobre a diferença de caminhar sem o seu cão, devido ao falecimento do animal: "Estava ficando escuro e normalmente eu nunca penso sobre isso porque Shep (cão) estava comigo e ele sempre foi meus outros olhos e ouvidos. De repente eu pensei: Oh, talvez eu tenha que prestar mais atenção agora! Eu preciso ser um pouco mais consciente porque eu não tenho mais Shep!".

Knigh e Edwards (2008) também confirmaram em seu estudo que cães de companhia são vistos como provedores de segurança e proteção. Outro estudo, de igual modo, apontou que os cães podem proporcionar uma sensação de segurança, não só durante caminhadas, mas também, ao proteger a casa, quando a família ou outras pessoas não se encontram, latindo quando alguém estranho está se aproximando. Destacou-se o fato de que os idosos se sentiram mais seguros com cachorros grandes, pois os animais maiores provocavam uma espécie de respeito nas outras pessoas. Um participante descreveu como se sentiria se o animal não estivesse mais lá: “Então eu acho que teríamos um novo cão, não só porque significaria perder um membro da família, mas também, porque dá uma sensação de segurança.” (JOHANSSON; AHLSTRÖM; JÖNSSON, 2014).

Tais pesquisas estão em concordância com os achados da presente investigação. Observa-se, abaixo, trecho de um depoimento em que fica clara a sensação de segurança sentida pela idosa na presença de seu cão de estimação:

[...] À noite mesmo eu confio em Vermelho. Eu posso deixar as portas abertas que eu confio que não entra ninguém. Faz minha proteção. Eu gosto de criar cachorro grande, porque eu me sinto segura. Por mais mansa que seja o pessoal tem medo. IDOSA 11

Percebeu-se que são raras as investigações científicas que abordam especificamente a sensação de segurança sentida pelo público idoso na presença de seus cães de estimação. Considerando que cada localidade possui níveis variados de segurança pública, é possível que tal sensação seja percebida de maneira diferente em diversos países. No cenário nacional, tais sentimentos ganharam destaque entre as idosas entrevistadas.

Dessa forma, a sensação de segurança sentida pelas idosas traz, novamente, um efeito positivo para essa população, uma vez que promove o relaxamento e o bem-estar do grupo em suas próprias residências, além de aumentar sua independência e autoconfiança.

5.6 ALERGIAS E INFECÇÕES

Os efeitos negativos da convivência de idosos com cães de estimação também foram relatados nas entrevistas. Vale ressaltar, no entanto, que, quando o assunto se voltou para possíveis malefícios advindos de seus cães, a maioria das idosas teve um comportamento de proteção do animal, tendendo a amenizar alguns acontecimentos.

Em relação a alergias e infecções provenientes de seus cães de companhia, algumas idosas relataram ter contraído infecções cutâneas e outra afirmou ter crises alérgicas, embora, nesse último caso, a entrevistada negou que a causa fosse o animal. As idosas associaram, predominantemente, as fezes e a urina dos animais como causadoras de doenças e afirmaram com firmeza que mantinham os cães e os ambientes em que transitavam sempre limpos.

[...] Eu peguei um germe aqui na minha mão e deu trabalho para acabar com esse germe, viu. Acho que foi arrancando a grama, ele faz xixi ou fezes na grama, né. Tratei e fiquei boa.
IDOSA 12

[...] Eu peguei uma coceira nas costas, passava pomada e não ficava boa. Então fui ao dermatologista, chegando lá ele disse que foi o cachorro, sabe. Passei a pomada e fiquei boa, mas foi uma vez só. IDOSA 16

Durante toda a vida do ser humano, seu sistema imunológico sofre continuamente mudanças morfológicas e funcionais que atingem o pico da sua função imunológica na puberdade e um declínio gradual no envelhecimento. Chama-se de imunosenescência o envelhecimento imunológico associado a esse progressivo declínio da função imune, o que acarreta um aumento na suscetibilidade dos indivíduos a infecções, a doenças autoimunes e ao câncer (EWERS; RIZZO; FILHO, 2008).

Apesar desse declínio, alguns estudos afirmam que animais de estimação não irão transmitir, necessariamente, infecções aos idosos. Evidências apontam que não existem laços epidemiológicos que comprovem a

transmissão de parasitas intestinais, estafilococos multirresistentes ou *Clostridium difficile* de animais de estimação para idosos que convivem ou costumam frequentar locais que possuem esses animais (ELY et al., 2011; GANDOLFI-DECRISTOPHORIS et al., 2012; RABOLD et al., 2018).

Por outro lado, em abril e junho de 2012, dois surtos de gastroenterite por *Campylobacter* aconteceram em uma instituição australiana de cuidado a idosos e um filhote de cachorro foi identificado como uma fonte potencial de infecção. Observou-se que, embora as práticas de controle de infecção fossem, geralmente, apropriadas, a política de animais da instalação não abordava adequadamente o risco zoonótico presente. Dessa forma, o estudo concluiu que os filhotes não devem ser considerados como animais de companhia em instituições para idosos, devido às altas taxas de transporte de *Campylobacter* e à suscetibilidade subjacente dos idosos (MOFFATT et al., 2014).

[...] Olha eu acho que não traz benefício, porque a urina do cachorro faz mal, as fezes do cachorro fazem mal, mas até agora nunca peguei nada. IDOSA 20

Muitas pessoas alérgicas a animais são orientadas a evitar possuir um animal de estimação. Um estudo buscou investigar a aplicabilidade e eficácia desta orientação em pacientes sensibilizados. Nos participantes sensibilizados aos animais, algumas medidas de prevenção, como a retirada de animais domésticos e a prevenção da exposição indireta, foram recomendadas. A sensibilização a gatos (9%), cães (48%) e aves (14%) foi considerada alta. A maioria dos pacientes sensibilizados para seus animais de estimação se recusou a retirá-los de sua casa devido ao apego emocional, e, apenas dois seguiram essa recomendação. Dessa forma, os autores consideraram que tais orientações são extremamente difíceis de serem alcançadas (SÁNCHEZ; DÍEZ; CARDONA, 2015). Esse apego emocional é demonstrado, também, no depoimento da idosa abaixo:

[...] Eu já tinha alergia antes, ontem eu espirrei tanto que parecia que o cérebro ia sair pela venta, como fala o matuto. Não foi por causa dela, eu já tinha antes. Passa tempo sem

nada, no frio volta. Tô dizendo que ela dorme comigo e nunca tive nada, nem na pele. IDOSA 15

Sob outra perspectiva, Kawakami e Nakano (2003) afirmam que o contato com animais aumenta as células de defesa do corpo e deixa o organismo mais tolerante a bactérias e ácaros, diminuindo, desse modo, a probabilidade de desenvolvimento de alergias e problemas respiratórios. Dotti (2014) constatou, de igual modo, que pessoas que vivem em contato com animais, criam resistência e podem desenvolver imunidade perante alguns tipos de alergias, recomendando, inclusive, que crianças possam estar expostas ao contato com animais para aumentar e desenvolver anticorpos frente a possíveis alergias.

Constatou-se, desse modo, que a transmissão de infecções é um efeito negativo da convivência domiciliar com idosos. Apesar do baixo potencial lesivo das possíveis infecções, elas não devem ser desconsideradas. No presente estudo, as idosas demonstraram conhecer a necessidade de medidas de limpeza, especialmente em relação às fezes e à urina dos cães, mesmo assim, algumas delas necessitaram de tratamento para combater pequenas infecções de pele. Em relação à alergia, idosas alérgicas a cachorros podem apresentar sintomas como espirros ou coceiras, até reações mais fortes, como dificuldade respiratória, a depender do nível de sensibilização de cada indivíduo, sendo, também, um efeito negativo à saúde do idoso.

5.7 MEDO E QUEDAS

Algumas idosas relataram ter medo de se machucar ou cair em momentos de interação com seus cães, principalmente, quando esses animais são de grande porte. Outras afirmaram ter caído, prevalecendo pequenos tombos, e, somente, um evento mais grave, com necessidade de intervenção cirúrgica. Relataram, também, receio com as unhas dos cães, já que as mesmas podem causar arranhões em suas peles. Nenhuma das participantes referiu ter sofrido mordeduras de seus animais, tanto dos cães atuais, como os de convivência passada.

[...] Quando ele era menor gostava de segurar os pés das pessoas, aí caí, uma vez só, depois ele cresceu e parou. IDOSA 5

[...] Eu jogo a bola com certa restrição porque a brincadeira dele é pesada. Se eu for brincar mesmo, ele derruba a cadeira porque ele é muito grande. IDOSA 3

Karlsson et al. (2013) afirma que as modificações orgânicas de origem física e mental que acontecem durante o envelhecimento, como a diminuição das capacidades físicas e motoras, a diminuição da capacidade funcional e cognitiva e o aumento das doenças crônicas e psicológicas, como a demência, estão diretamente associadas ao aumento da fragilidade. Observa-se, no depoimento abaixo, a sensação de fraqueza e incapacidade da idosa, assim como o seu receio com as unhas do cão:

[...] Marrom já me deu duas quedas, porque ela é muito violenta. Depois que adoeci, eu não posso mais criar animal, porque minha força é muito pouca. [...] Como tenho muitas varizes nas pernas, tenho medo, porque sou diabética e ela tem unhas que arranham. IDOSA 10

Os fatores de risco relacionados às quedas têm sido classificados em extrínsecos e intrínsecos. Dentre os intrínsecos, destacam-se as alterações fisiológicas próprias do envelhecimento, retratadas acima, como também as doenças e os efeitos de fármacos. Já os fatores extrínsecos, referem-se às condições ambientais em que o idoso está inserido, como pouca iluminação, escadas sem corrimão, banheiros sem piso antiderrapante, tapetes e objetos soltos no chão (FABRÍCIO; RODRIGUES; COSTA JÚNIOR, 2004). Sendo assim, por se tratar de aspectos físicos do ambiente no qual o idoso interage, a presente pesquisa constatou que animais de estimação podem ser considerados, de igual modo, fatores de risco extrínsecos.

Um estudo constatou que os principais fatores de risco associados às quedas são ser do sexo feminino, ter 80 anos ou mais, ser viúvo, apresentar reumatismo/artrite/artrose, osteoporose, asma/bronquite/enfisema, dor de

cabeça, transtorno mental comum, tontura, insônia, fazer uso de muitos medicamentos (cinco ou mais) e utilizar bengalas e andadores. (RODRIGUES; FRAGA; BARROS, 2014) Na presente investigação, apesar de apenas 3 idosas serem viúvas e nenhuma delas apresentar 80 anos ou mais, todo o grupo é formado pelo sexo feminino e 13 referiram ter doenças osteoarticulares, características que podem ter contribuído para a ocorrência das quedas por elas relatadas.

Silva et al. (2016) aponta que o principal local de queda dos idosos é o domicílio. O local de investigação da presente pesquisa é, de igual modo, a casa do idoso, uma vez que o convívio com os cães de estimação acontece neste cenário. A maioria das quedas relatadas pelas idosas aconteceram, da mesma forma, em suas casas e consistiram em pequenos tombos. Apenas uma delas sofreu o evento na rua, enquanto passeava com seu cão, neste caso, foi necessário atendimento médico, conforme trecho a seguir:

[...] Quando eles fazem festa eu digo: vovó vai trocar de roupa, já já pega vocês. Não pego logo porque tenho medo que eles me arranhem. Quando eles me arranham fica vermelho. O médico disse que minha pele é muito fina, mas depois vai clareando. [...] Já tropecei nela, quando fui passear ela passou na minha frente, queda feia. Tive que operar o menisco. Se meu osso não fosse forte, tinha quebrado minha perna. IDOSA 17

Messias e Neves (2009) realizaram uma revisão de literatura sobre os fatores extrínsecos associados às quedas em idosos. Os autores concluíram que os principais fatores de risco extrínsecos relacionados a quedas em idosos são iluminação inadequada, interruptores inacessíveis, falta de corrimão nas escadas, degraus inadequados e sem sinalizações ou sem piso antiderrapante, falta de barras de apoio nos banheiros, assentos sanitários de altura inadequada, camas, também, de alturas inadequadas, cadeiras de altura incorreta e sem apoiadores laterais, obstáculos no caminho, como móveis baixos, fios soltos e, assim como identificado pela corrente pesquisa, presença de animais de estimação.

Por outro lado, um estudo buscou verificar a relação da presença de um cão de estimação e o relato de morbidades, incidência de quedas e qualidade de vida em idosos residentes em Belo Horizonte, Minas Gerais. Os autores

concluíram que a presença de cães no domicílio não representou um fator que interferisse na qualidade de vida, bem como, não esteve associada ao adoecimento dessa população. Em relação ao risco de quedas, constataram que a presença de um cão não contribuiu para evitar, tampouco, para causar quedas em idosos (MARTINS et al., 2015).

Na presente pesquisa, a maioria das idosas teve eventos de quedas de baixa repercussão, com exceção da IDOSA 17, que necessitou de tratamento médico depois de cair durante um passeio com seu cachorro. Considerando que existe a possibilidade de quedas em idosos que convivem com cães de estimação, especialmente, o grupo de idosos que já possua alguma incapacidade, use órteses ou bengalas, sinta dores constantes e use muitos medicamentos, o fator em questão não pode ser desconsiderado, sendo um efeito negativo para a saúde dessa população.

5.8 GASTO FINANCEIRO E TRABALHO

Quase todas as idosas mencionaram que um dos pontos negativos de ter um cão de estimação é o gasto financeiro com alimentos, medicações e vacinas, necessários aos animais. Relataram, também, que cuidar de um cão é uma grande responsabilidade e que dá trabalho, principalmente, com a limpeza das fezes e da urina do animal.

[...] O gasto financeiro é como se fosse um filho. Você tem que alimentá-los, levar para o médico quando fica doente, para tomar vacina, são filhos, filhos de quatro patas (risos). [...] Dão muito trabalho, questão de limpeza, você tem que deixar o espaço deles bem limpinho, bem cheirosinho, um trabalho a mais. IDOSA 16

O mercado global de cuidados com animais de estimação cresce a cada dia. O Brasil possui o terceiro maior mercado *pet* do mundo em faturamento. Em 2017, o faturamento mundial foi estimado em US\$ 119,5 bilhões, sendo os EUA o campeão com cerca de 41% do total. Nesse cenário, o Brasil faturou 5,1%. Já no âmbito nacional, o faturamento chegou a R\$ 20,3 bilhões, distribuídos em alimentos (68,6%), serviços (15,8%), cuidados (7,9%) e

veterinário (7,7%) (ABINPET, 2017; EUROMONITOR, 2017).

Existem, hoje, grandes laboratórios voltados para o desenvolvimento de fármacos variados, além de serviços de medicina veterinária cada vez mais especializados, tais como odontologia, cardiologia e radiologia veterinária. Na área de higiene animal, estão disponíveis serviços de banho e tosa, limpeza de tártaros e embelezamento. Variados produtos estão à disposição no mercado, tais como: sabonetes, shampoo, condicionador, escovas, secador, absorvente higiênico, lenço umedecido, pasta e escova de dente, cortador de unhas, coletor de fezes, roupas, lacinhos, entre outros (VLAHOS, 2008; SOARES; CARVALHO, 2004; PESSANHA; CARVALHO, 2014).

Em virtude da afetividade existente entre a maioria dos proprietários e seus animais, o consumo de produtos e serviços *pets* é ampliado, pois grande parte das pessoas que convivem com animais de estimação os consideram parte da família e se preocupam com seu bem-estar. Ademais, na sociedade de consumo moderna, o ato de comprar pode ser compreendido, também, como uma expressão de amor (MILLER, 2002). Percebe-se, no depoimento a seguir, o consumo baseado na afetividade e no cuidado da idosa com suas cadelas:

[...] Eu comprei uma medicação pela internet caríssima! R\$ 200 a caixa para cada uma. Elas têm também caminha, toalha, bolsa grande com o shampoo, aquela clorexidina, perfuminho, compro a ração, o biscoitinho para limpar os dentes. [...] Despesa que eu tenho com elas é cerca de R\$ 200 por mês e não é fácil. Eu aproveito as promoções. Comprei até um secador pequeno para enxugar elas depois do banho, para não ficarem molhadas e fedidas. IDOSA 7

Um estudo de revisão buscou identificar e discutir os principais artigos referentes aos efeitos de animais de estimação para a saúde de idosos. Entre os diversos achados, destacou-se como negativo o custo financeiro para manter um animal de estimação em casa (CHERNIACK E.; CHERNIACK A., 2014). No sentido oposto, a idosa abaixo relatou não considerar o custo alto:

[...] Não acho que seja muito custo não, dá para dividir. É só a comidinha dele, as vacinas, às vezes compro uma vitaminazinha, mas dá para levar, não é muito caro não. IDOSA 14

Em relação ao esforço físico dispensado para as atividades de cuidado com os cães, um estudo que explorou a relação entre os animais de companhia e seus donos idosos constatou que parte deles, apesar de serem donos de cães, não gostaria de ter um animal de companhia, pois era muito difícil cuidar adequadamente dos mesmos ou os seus estilos de vida não eram compatíveis com a criação de animais (PACHECO-FERREIRA, 2012).

Outro estudo realizado com idosos diabéticos teve como objetivo explorar a percepção desse grupo sobre como a companhia de animais de estimação pode influenciar a saúde física e mental dos mesmos. Apesar de apontarem benefícios para a saúde, 13% dos participantes não recomendariam a convivência com animais de estimação, sob a justificativa de que isso aumenta a responsabilidade e os gastos financeiros (HUGUES et al., 2016).

Giumelli e Santos (2006) pesquisaram sobre a influência da convivência de animais de estimação na vida das pessoas a partir da percepção dos tutores e observaram que, entre os aspectos negativos, o trabalho com a limpeza das fezes do animal, com a educação para que se comportem e não destruam objetos pessoais ou permaneçam em locais proibidos ganhou relevância. A idosa a seguir confirma, porém, pondera a existência do trabalho:

[...] É uma responsabilidade porque você está cuidando de um ser. Ele não é um ser humano, mas é um ser vivo. Então tem responsabilidade e dá trabalho. Mas é um trabalho que compensa. IDOSA 11

Percebeu-se que o gasto financeiro com cães de estimação varia de pessoa para pessoa. Apesar dessa variação, a maior parte das entrevistadas considerou que o custo fixo com alimento e medicação é alto, caracterizando-se, por esse lado, como um aspecto negativo para o idoso. Considerando, ainda, que, na maioria dos casos, a população idosa possui uma renda restrita aos cuidados com a própria saúde, gastar dinheiro com o cuidado de um animal poderia prejudicar seu orçamento. Por outro lado, a posse de cão de estimação traz muitos benefícios à saúde do idoso e pode ser classificada, igualmente, como mais um investimento em favor da sua vida.

Em relação ao trabalho necessário ao cuidado dos animais, algumas idosas afirmaram que o esforço dispensado por elas é grande, apresentando-se, novamente, sob esse olhar, como um ponto negativo. Entretanto, sob outra perspectiva, o trabalho com o cuidado de um animal pode ser um grande estímulo e uma ocupação que retira o idoso de uma rotina monótona e disponibiliza um objetivo a ser alcançado, além de aumentar seu sentimento de autoestima e fazer com que o idoso se sinta importante para o cão, como observado nos depoimentos abaixo:

[...] Eu sou muito importante para ela (cadela), porque sou eu quem cuida dela. Sem mim, ela ia sentir muita falta. IDOSA 12

[...] Ele (cão) precisa de mim porque sou eu que cuido dele, dou banho, coloco a comida, dou remédio, mas há uma reciprocidade (risos). IDOSA 5

5.9 PROCESSO DE LUTO

Muitas idosas relataram os sentimentos vividos durante o processo de luto decorrente do falecimento de seus cães de estimação anteriores, como também, o medo da perda dos cães atuais. Uma delas afirmou não gostar nem de pensar no assunto. A maioria se mostrou consciente da morte de seus animais e da importância de se preparar para esse momento. Algumas das idosas fizeram caretas e faces de desgosto ao falar no assunto. Apesar de a maior parte admitir tristeza, choro e saudade, a idosa a seguir considera não haver necessidade de luto por um animal:

[...] Quando um cachorrinho morre, eu fico com aquela saudade, mas não me desespero não. Primeiro porque sei que o animal tem a vida mais curta, e, segundo, que eu não acho que há necessidade de ter luto com um animal. IDOSA 9

É comum a formação de um forte vínculo de apego entre humanos e animais de estimação. Níveis variados de apego podem acontecer, acarretando

em atitudes como: carregar a fotografia do cachorro, deixá-lo dormir em sua cama, frequentemente falar e interagir com ele. Essa ligação por parte dos donos faz com que os mesmos passem a ver o animal, na maioria das vezes, como um membro da família. Quanto maior o nível de apego com a animal de estimação, maior será o luto com o seu falecimento (PARKER, 1998).

Archer (1997) reforça, ainda, que as pessoas usualmente veem sua relação com animais de estimação como similares às que possuem com seus filhos. Os donos de animais de estimação os tratam como crianças, por exemplo, falando com eles em tom materno e os chamando de “meu bebê”. A perda de um animal de estimação como este significa a perda de um amor incondicional e o luto seria um processo indispensável para a retomada da vida.

Em convergência com os estudos acima, observou-se que quando ocorre a morte de um cão de estimação, pode ser intenso o processo de luto e suas manifestações vivenciadas pela população idosa. Este falecimento pode ser tão devastador quanto a perda de um ser humano e não pode ser tratado como algo banal. Verificam-se, a seguir, intensas reações de tristeza após a perda de se seus cães de companhia:

[...] Na época, o carro pegou. Só falei morrer, chorava dia e noite. IDOSA 2

[...] Meu outro cachorro que o carro matou, eu fiquei três dias chorando. Fiquei muito triste porque senti muita falta dele. É um lado muito ruim, muito ruim. É triste, é como uma criança, a gente pega amor. IDOSA 12

Um estudo buscou identificar os sentimentos vivenciados por pessoas que perderam a companhia de seus animais de estimação. Observou-se que os principais sentimentos após a morte de um animal de estimação foram: tristeza (91,6%), nó na garganta (73,9%), choro (58,1), sensação de falha (43,4%), sensação de culpa (37,9%), raiva (37,4%), insônia (31%) solidão (24,6%), necessidade de gritar com alguém (18,7%) e alívio (7,9%) (GARDEMANN et al., 2009).

Outra investigação, na mesma linha, procurou descrever a resposta do proprietário à morte de um animal de estimação. Em Wellington County, Ontário, clientes de oito clínicas veterinárias responderam a entrevistas aproximadamente 10 dias após a morte do animal e, em 3, 6 e 12 meses depois. Constatou-se que embora os sentimentos e reações reais fossem bastante diversos, a busca pela compreensão foi constante. O luto após a morte do animal de estimação foi caracterizado como uma busca para determinar como se sentir e se comportar dentro de uma sociedade que não reconhece a natureza da relação humano-animal. Os participantes tentaram controlar suas emoções ou esconder sua angústia na tentativa de minimizar alterações emocionais e comportamentais decorrentes da morte de seu animal de estimação. Tal comportamento foi chamado pelos autores de “pesar autogovernado” (ADAMS; BONNETT; MEEK, 1999).

A seguir, um comentário que demonstra, de igual forma, um comportamento de gestão de sentimentos e compreensão após tais eventos:

[...] Eu já tive um cão que faleceu e em certas ocasiões eu tinha a impressão que via ele passar, quando eu chegava ele ia me receber e me beijar, aí percebia que ele não estava mais. Tem gente que se descabela, se aperreia e tudo mais, eu sinto, mas não chego a tal ponto. Eu me controlo porque a gente sabe que até mesmo as pessoas mais queridas podem a qualquer momento ir embora. IDOSA 16

Sheibeck et al. (2011) buscou em seu estudo ilustrar o significado individual que os cães têm para seus proprietários idosos e as relações que se formam entre os proprietários e seus companheiros de quatro patas. Entre outros achados, destacou-se o sentimento de pesar que envolve os idosos após a morte dos animais. Esse tipo de pesar é comparável ao sofrimento que se segue quando as pessoas perdem um amigo querido ou parente. Identificou-se, inclusive, comportamentos de luto e rituais como montar um túmulo e visitar cemitérios para animais de estimação, o que significa preservar ativamente a memória do cão e quaisquer experiências e emoções relacionadas a ele. Os cemitérios de animais mostram a importância dos animais para seus donos e o valor igual dos animais e humanos quando se

trata de luto e de lidar com a perda. No entanto, o túmulo também serve como um lembrete constante da tristeza provocada pela morte do amado companheiro.

Ao investigarem, também, a população idosa, Johansson, Ahlstrm e Jnsson (2014) constataram, de igual modo, que alguns participantes expressaram medo do intenso sofrimento pela perda do companheiro canino. No sentindo oposto às pesquisas acima, a idosa a seguir afirmou que não sentiria reações de tristeza como o choro após a morte de seu cão de estimação:

[...] Eu não tenho (luto) não sabe, morreu, morreu. Eu não choro. Minha irma morreu e eu não chorei, minha filha ficou chateada comigo. IDOSA 20

O processo de luto é vivido em diversas perdas durante o processo de envelhecimento. Essas perdas vividas na velhice estão relacionadas à morte real de amigos e companheiros e, também,  morte fictícia do antigo corpo, das relações de trabalho, do relacionamento social e familiar. Tais perdas perpassam tanto a dimensão física, em sua concretude, como os universos profissional, social e familiar. Como resultado dessas mudanas ocorridas com o avançar da idade, o idoso passa por sucessivas perdas reais e simbólicas (COCENTINO; VIANA, 2011). Dessa forma, a presente pesquisa observou que a perda de animal de estimação pode ser particularmente negativa para a população idosa.

Uma investigação chamou atenção para a necessidade de apoiar o idoso, principalmente o que mora sozinho, após a perda do animal de estimação e ajudá-lo a encontrar estratégias para lidar com a nova situação de vida. A principal conclusão do estudo foi que os enfermeiros precisam ter um papel ativo no desenvolvimento de um plano de cuidados para ajudar o idoso a lidar com prováveis sentimentos de solidão advindos da perda do companheiro com quem convivia em casa (KRAUSE-PARELLO; GULICK, 2013).

Constatou-se que o processo de luto vivido pelos idosos com a perda de seus companheiros caninos é capaz de trazer grande angústia, a depender do

nível de ligação e afeição existente entre eles. A maioria dos idosos demonstra um vínculo forte com seus cães, necessitando, nestes casos, de maior apoio para a superação do evento. Dessa forma, o processo de luto e suas manifestações são aspectos negativos da convivência domiciliar com cães de estimação.

5.10 SIGNIFICADO

Ao chegar ao final da entrevista, as idosas responderam a seguinte pergunta: “O que (nome do cão de estimação) significa para a senhora?”. Todas as repostas estão elencadas no Quadro 2. Observou-se, majoritariamente, a formação de vínculos afetivos de grande intensidade com seus cães de companhia.

Os relatos demonstraram um grande carinho sentido pelas idosas em relação aos seus cães de estimação, o que pode ser evidenciado a partir das palavras e expressões por elas utilizadas para descrevê-los: “alegria”, “membro da família”, “companheiro”, “sentimento bom”, “amor”, “amigão”, “anjo de quatro patas”, “filho” e “segurança”. Destacou-se, entre as descrições, o sentimento de extrema fidelidade sentido em relação animais, conforme ressaltou a IDOSA 12: “companheiro fiel”.

Otterstedt e Rosenberger (2009) afirmam que, para muitos idosos, seu amigo animal significa alegria e qualidade de vida. Além disso, declarações como “meu cachorro significa tudo para mim” mostram a enorme importância dos animais de estimação e a confiança que lhes é depositada por parte significativa dos idosos (SCHEIBECK et al., 2011). Observou-se, na presente pesquisa, depoimento semelhante ao citado acima, no qual a IDOSA 14 declarou que seu cão de estimação “significa tudo”.

Estudo britânico realizado com idosos apontou que os mesmos consideram seus animais de estimação como um membro da família (KNIGHT; EDWARDS, 2008). De igual modo, expressaram-se as IDOSAS 2, 14 e 15.

Quadro 2- Respostas ao questionamento: O que (cão de estimação) significa para o (a) senhor (a)? Recife/PE, Brasil, 2018.

O que (cão de estimação) significa para o (a) senhor (a)?	Resposta
IDOSA 1	“Alegria, muita alegria!”
IDOSA 2	“É como se fosse um membro da família realmente. Tudo de bom. Ele é meu companheiro, me traz alegria, nunca me trouxe tristeza. Não faz mal a ninguém, se não fizer bem, mal não faz.”
IDOSA 3	“Ele significa um sentimento bom, de companhia que não sei explicar.”
IDOSA 4	“Companhia, amor né. A gente trata como um filho, mas não igual a um filho. Porque eu tenho uma amiga que só falta beijar na boca do cachorro, acho anti-higiênico.”
IDOSA 5	“É um amigão, sabe? Ele precisa de mim porque sou eu que cuido dele, dou banho, coloco comida, dou remédio, mas há uma reciprocidade (risos).”
IDOSA 6	“São anjos de quatro patas, eu digo até que quem nunca chegou a criar um cachorro nunca conheceu um amor verdadeiro, pronto, é isso que digo deles!”
IDOSA 7	“Olha é minha companhia quando estou sozinha.”
IDOSA 8	“Ah, muito! Minha filha vive trabalhando, viaja, quem fica comigo?”
IDOSA 9	“Uma grande companhia. Eu não chamo ela de meu bebê, minha filha, porque ela não é. Gente é gente, bicho é bicho.”
IDOSA 10	“Muita coisa. Eu gostaria sim que se tivesse um parente meu que tivesse uma chácara, tivesse um sítio grande e cuidasse dela direitinho, eu daria!”
IDOSA 11	“É um cachorro, né.”
IDOSA 12	“É um companheiro fiel, é muito fiel o cachorro. Tenho certeza que ela nunca vai me trair.”
IDOSA 13	“Um bichinho de estimação.”
IDOSA 14	“Significa tudo, meu filhinho. Eu cuido dele, ele cuida de mim (risos). Ele é muito importante para mim.”
IDOSA 15	“Eu não sei nem dizer o que ela significa, é como um filho, um bichinho que a gente pega amor. Não tem para onde correr, qualquer um que chegar lá em casa, a gente vai tá de coração aberto.”
IDOSA 16	“Segurança, carinho. Se você brigar com alguém, aquela pessoa fica mal humorada com você, não te trata bem, eles não. A qualquer momento você chama e eles estão prontos para receber e dar carinho também.”
IDOSA 17	“Os meus cachorros são tudo para mim. O animal é a única coisa fiel que Deus colocou no mundo.”
IDOSA 18	“Significa alegria dentro de casa.”
IDOSA 19	“São muito importantes para mim.”
IDOSA 20	“Significa uma companhia para mim.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Outra investigação apontou, também, grande afeição sentida pelos idosos em relação aos seus cães. Os animais de companhia foram

descritos pelos idosos pelas suas personalidades e comportamentos em "fofinhos", "reconfortantes", "agradáveis", "encantadores", "afetuosos", "quase como humanos". Um cachorro foi descrito como "muito sociável" e "absolutamente não um cão de guarda", o participante afirmou, ainda, que o cão queria ser amigo de todos que vinham visitá-lo. Outro cão foi descrito como "filho da família" (JOHANSSON; AHLSTRÖM; JÖNSSON, 2014).

Por outro lado, algumas idosas ponderaram os seus depoimentos na presente pesquisa, demonstrando um maior afastamento afetivo com seus cães, ao descreverem seus animais apenas como "um cachorro" ou "um animal de estimação". Diferenciando-se da maioria dos relatos, a IDOSA 10 demonstrou que, apesar de conviver e cuidar de seu cão de estimação, por sua vontade, não gostaria de estar com o animal em casa. É possível que ela considere que o espaço disponível ou o cuidado dispensado por ela ao cão não sejam adequados, motivo pelo qual afirmou que o daria a um parente.

6 CONCLUSÕES

O convívio com cães de companhia traz inúmeros benefícios à saúde de idosos, entre eles, o aumento da prática de atividades físicas, da socialização, do prazer e da autoestima, fazendo com que muitos se sintam úteis, queridos e amados, encorajando-os a cuidar melhor da própria saúde. Esses indivíduos apreciam ter alguém para cuidar, bem como a companhia de um amigo, o que traz significado a suas vidas, atenuando o estresse, a ansiedade e os sentimentos de solidão.

Além desses efeitos positivos, a sensação de segurança, um dos achados menos explorados pela literatura, mostrou-se um importante promotor de tranquilidade e bem-estar para os idosos em suas casas.

Em contrapartida, existem, também, aspectos negativos dessa convivência, como a maior exposição a possíveis infecções e alergias, o maior risco de quedas e o intenso sofrimento pela perda do animal. Tais aspectos podem ter menor ou maior potencial lesivo, a depender do grupo específico de idosos que possua um cão de estimação.

Um grupo de idosos que apresente patologias ou faça tratamentos que comprometam de maneira significativa a imunidade, ou, ainda, possua alta sensibilização a pelo de animais, está mais sujeito a possíveis infecções e crises alérgicas. Da mesma forma, aqueles idosos que sejam portadores de incapacidades, sofram de dores crônicas, possuam órteses, necessitem de bengalas ou usem muitos medicamentos estão mais sujeitos a quedas em suas casas. No sentido contrário, os idosos que não apresentam tais quadros possuem menor risco.

Em relação ao processo de luto, os idosos podem ter manifestações leves ou graves, que necessitem de apoio profissional, a depender do nível de ligação existente entre o dono e o animal. Outro fator de variação é a preparação de cada idoso para o evento de morte de seu cão de estimação e a utilização de estratégias pessoais de enfrentamento.

Constata-se, dessa forma, que os efeitos positivos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação superam os efeitos negativos para a saúde dessa população. Uma vez inseridos em um ciclo de vida saudável com seus cães, hábil a lhes proporcionar suporte emocional, estímulo a

caminhadas, melhor socialização e sensação de segurança no dia-a-dia, os idosos não só promovem sua saúde física e mental, como previnem o aparecimento de agravos, minorando, inclusive, os possíveis riscos advindos da própria posse de um cão de estimação, como a probabilidade de quedas.

Assim sendo, o uso de cães de estimação como ferramenta terapêutica é uma forma inovadora e bastante eficaz para a população idosa, no entanto, sua indicação deve ser avaliada para grupos específicos de idosos, tais como os mencionados acima. Os idosos que não possuam algum tipo de comprometimento grave da imunidade ou um risco aumentado para quedas irão se beneficiar de maneira majoritária da posse um cão de companhia.

Sugere-se, dessa forma, a realização de mais pesquisas relativas ao convívio de idosos com cães de estimação, considerando que existem poucos registros de tais investigações e que os idosos são um grupo populacional de risco ao adoecimento, que pode, particularmente, nesta fase, ser privilegiado pelo convívio domiciliar com cães de companhia.

REFERÊNCIAS

ABINPET - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO. **Estimativa para outros animais de estimação (répteis e pequenos mamíferos)**. Pesquisa Quinquenal, 2013.

ABINPET - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO. **Faturamento – Mercado Pet Brasileiro**, 2017.

ADAMS, C. L.; BONNETT, B. N.; MEEK, A. H. Owner response to companion animal death: development of a theory and practical implications. **Canadian Veterinary Journal**, Canadá, v. 40, p. 33-39, 1999. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1539639/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ALLEN K.; BLASCOVICH J.; MENDES W. B. Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends, and spouses: the truth about cats and dogs. **Psychosomatic Medicine**, United States, v.64, p.727-39, 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12271103>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ALLEN, K.; SHYKOFF, B.E.; IZZO, J. L. Jr. Pet ownership, but not ace inhibitor therapy, blunts home blood pressure responses to mental stress. **Hypertension**, United States, v.38, p.815-20, 2001. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11641292>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ALLEN, K.M.; BLASCOVICH, J.; TOMAKA, J.; KELSEY, R. M. Presence of human friends and pet dogs as moderators of autonomic responses to stress in women. **Journal of Personality and Social Psychology**, United States, v.61, p.582-9, 1991. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1960650>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ALVES, M. C. G. P.; MATOS, M. R.; REICHMANN, M. L.; DOMINGUEZ, M. H. Dimensionamento da população de cães e gatos do interior do Estado de São Paulo. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n.6, p. 891-897, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000600004>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102005000600004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 8 ago. 2018.

ANDERSON, W. P.; REID, C. M.; JENNINGS, G. L. Pet ownership and risk factors for cardiovascular disease. **Medical Journal of Australia**, Austrália, v.157, p.298-301, 1992. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1435469>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ANDRADE, G. R. B.;VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.7, n.4, p.925-934, 2002. DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232002000400023>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232002000400023&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 8 ago. 2018.

ARCHER, J. Por que as pessoas amam seus animais de estimação? **Evolution and Human Behavior**, United States, v.18, 1997. p. 237-259. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0162-3095\(99\)80001-4](https://doi.org/10.1016/S0162-3095(99)80001-4). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0162309599800014>. Acesso em: 8 ago. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6 ed. Lisboa: Almedina, 2011. 280p.

BERENSTEIN, Cláudia Koepfel. **O perfil etário dos custos de internação na saúde pública no Brasil: uma análise para as capitais das regiões metropolitanas do Brasil em 2000**. 2005. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

BERRY, A.; BORGI, M.; TERRANOVA, L.; CHIAROTTI, F.; ALLEVA, E.; CIRULLI, F. Developing effective animal-assisted intervention programs involving visiting dogs for institutionalized geriatric patients: a pilot study. **The Official Journal of Japanese Psychogeriatric Society**, England, v. 12, p. 143-150, 2012. doi: 10.1111/j.1479-8301.2011.00393.x. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22994611>. Acesso em: 5 mai. 2018.

BOWLBY, J. The making and breaking of affectional bonds. I. A etiology and psychopathology in the light of Attachment Theory. **British Journal of Psychiatry**, England, v.130, p.201–210, 1977. <https://doi.org/10.1192/bjp.130.3.201> Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/making-and-breaking-of-affectional-bonds/12BE02CC4F59067D79FC64534E36FC5E>. Acesso em: 8 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Caderno de Atenção nº 19. Brasília, DF, 2006.

BROWNE, C.; STAFFORD, K.; FORDHAM, R. The use of scent-detection dogs. **Irish Veterinary Journal**, Ireland, v. 59, p. 97-104, 2006. Disponível em: [https://www.scirp.org/\(S\(i43dyn45teexjx455qlt3d2q\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1735420](https://www.scirp.org/(S(i43dyn45teexjx455qlt3d2q))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1735420). Acesso em: 8 ago. 2018.

CACIOPPO, J. T.; HUGHES, M. E.; WAITE, L. J.; HAWKLEY, L. C.; THISTED, R. A. Loneliness as a specific risk factor for depressive symptoms: cross-sectional and longitudinal analyses. **Psychology And Aging**, United States, v. 21, p.140–151, 2006. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16594799>. Acesso em: 8 ago. 2018.

CARVALHO, N.; COSTA, M. P.; VIADANNA, P. H. O.; ARAÚJO C. N. P.; SANTOS, J. B. F.; OLIVEIRA, P. R. Importância da relação cão-idoso para o aprimoramento da qualidade de vida em Instituições de Longa Permanência para idosos na cidade de Uberlândia-MG. **Em Extensão**, Uberlândia, v.10, n. 1, p. 128-138, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20762>. Acesso em: 5 mai. 2018.

CARVALHO-FILHO, E. **Fisiologia do Envelhecimento**. In: PAPALÉO NETTO, M. Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 60-70.

CHEN, M.; DALY, M.; NATT, S; WILLIAMS, G. Noninvasive detection of hypoglycaemia using a novel, fully biocompatible and patient-friendly alarm system. **British Medical Journal**, England, v. 321, p.1565-1566, 2000. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC27564/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

CHERNIACK, E. P.; CHERNIACK, A. R. The benefit of pets and animal-assisted therapy to the health of older individuals. **Current Gerontology and Geriatrics Research**, United States, p. 1-9, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1155/2014/623203>. Disponível em: <https://www.hindawi.com/journals/cggr/2014/623203/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

COCENTINO, J. M. B.; VIANA, T. C. A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 591-600, 2011. DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232011000300018&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 8 ago. 2018.

COSTA, E. C.; JORGE, M. S. B.; SARAIVA, E. R. A. Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa. **Psicologia Teoria e Prática**, São Paulo, v.11, n.3, p.2-15, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300002. Acesso em: 8 ago. 2018.

DAVIS, M.; VALLA, F. R.M. Evidence of domestication of the dog 12000 years ago in the nation of Israel. **Nature Publishing Group**, England, v. 276, p. 608-610, 1978. DOI:10.1038/276608a0. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Evidence-for-domestication-of-the-dog-12%2C000-years-Davis-VALLA/f38d8e33d2b24c0d647e71f54930e8449de16c20>. Acesso em: 5 mai. 2018.

DEGELING, C.; ROCK, M. 'It was not just a walking experience': reflections on the role of care in dog-walking. **Health Promotion International**, England, v. 28, n.3, p.397-406, 2012. DOI:10.1093/heapro/das024. Acesso em: 8 ago. 2018.

DEMBICKI, D.; ANDERSON, J. Pet ownership may be a factor in improved health of the elderly. **Journal of Nutrition for the Elderly**, United States, v.15, p.15-31, 1996. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8948954>. Acesso em: 8 ago. 2018.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. 3 ed. Thousand Oaks: Sage, 2005.

DESHRIVER, M.; RIDDICK, C. Effects of watching aquariums on elders' stress. **Anthrozoös**, United States, v.4, p.44-8, 1990. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2752/089279391787057396>. Acesso em: 8 ago. 2018.

DOTTI, Jerson. **Terapia e Animais**. 2 ed. São Paulo: Livrus, 2014.304p.

DRESSLER, W. W.; BALIEIRO, M. C.; SANTOS, J. E. The cultural construction of social support in Brazil: associations with health outcomes. **Culture, Medicine and Psychiatry**, Netherlands, v.21, n.3, p.303-335, 1997. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1005394416255>. Acesso em: 8 ago. 2018.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Paraná, n. 24, p. 213-225, 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602004000200011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 5 mai. 2018.

EHMANN, R.; BOEDEKER, E.; FRIEDRICH, U.; SAGERT, J.; DIPPON, J.; FRIEDEL, G.; WALLE, T. Canine scent detection in the diagnosis of lung cancer: revisiting a puzzling phenomenon. **European Respiratory Journal**, England, v. 39, p. 669-676, 2012. doi: 10.1183/09031936.00051711. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21852337>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ELY, L.S.; ENGROFF, P.; LOPES, G.T.; WERLANG, M.; GOMES, I.; CARLI, G. A. Prevalência de Enteroparasitos em Idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.637-646, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v14n4/a04v14n4.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

ENMARKERA, I.; HELLZEM, O.; EKKERD, K.; BERGE, A. G. T. Depression in older cat and dog owners: the Nord-Trøndelag Health Study (HUNT)-3. **Aging and Ment Health**, England, v.19, n.4, p.347-352, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/13607863.2014.933310>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13607863.2014.933310>. Acesso em: 8 ago. 2018

ESQUENAZI, D.; SILVA, S. R. B.; GUIMARÃES, M. A. M. Aspectos fisiopatológicos do envelhecimento humano e quedas em idosos. **Revista HUPE**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 11-20, 2014. doi:10.12957/rhupe.2014.10124. Disponível em: http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=467. Acesso em: 5 mai. 2018.

EUROMOTINOR - EUROPEAN MONITOR INTERNATIONAL. **Rising Middle-Class Drives Boom in Latin American Pet Care**, 2017.

EWERS, I.; RIZZO, L.V.; FILHO, J.K. Imunologia e envelhecimento. **Einstein**, São Paulo, v.6, n.1, p.S13-S20, 2008. Disponível em: <http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/775Einstein%20Suplemento%20v6n1%20pS13-20.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

FABRÍCIO, S. C. C.; RODRIGUES, R. A. P.; COSTA JUNIOR, M.L. Causas e consequências de quedas de idosos atendidos em hospital público. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 93-99, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102004000100013>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n1/18457.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

FENG, Z.; DIBBEN, C.; WITHAM, P. T.; DONNAN, M. D.; VADIVELLOO, T.; SNIEHOTTA, F.; CROMBIE, I. K.; MCMURDO, M. E. T. Dog ownership and physical activity in later life: A cross-sectional observational study. **Preventive Medicine**, United States, v.66, p.101-106, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2014.06.004>. Acesso em: 8 ago. 2018.

FLECK, M. P. A.; LIMA, A. F. B. S.; LOUZADA, S.; SCHESTASKY, G.; HENRIQUES, A.; BORGES, V. R.; CAMEY, S.; GRUPO LIDO. Associação entre sintomas depressivos e funcionamento social em cuidados primários à saúde. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.4, p.431-438, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4/11761.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

FOGLE, Bruce. **Cães**, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FREEMONT, A. J.; HOYLAND, J. A. Morphology, mechanisms and pathology of musculoskeletal ageing. **Journal of Pathology**, England, v.211, n.2, p. 252-259, 2008. doi: 10.1002/path.2097. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17200936>. Acesso em: 5 mai. 2018.

FRIEDMANN, E.; KATCHER, A. H.; LYNCH J.,J.; THOMAS, S. A. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. **Public Health Reports**, United States, v. 95, p.307-12, 1980. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1422527/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

FRIEDMANN, E.; LOCKER, B.; LOCKWOOD, R. Perception of animals and cardiovascular responses during verbalization with an animal present. **Anthrozoös**, United States, v.6, p.115-34, 1993. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2752/089279393787002303>. Acesso em: 8 ago. 2018.

FRIEDMANN, E.; THOMAS, S. A. Pet ownership, social support, and one-year survival after acute myocardial infarction in the cardiac arrhythmia suppression trial (CAST). **American Journal of Cardiology**, United States, v.76, p. 1213-7, 1995. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7502998>. Acesso em: 8 ago. 2018.

FRIEDMANN, E.; THOMAS, S.; COOK, L.; TSAI, C.; PICOT, S. A friendly dog as potential moderator of cardiovascular response to speech in older hypertensives. **Anthrozoös**, United States, v.20, p.51-63, 2007. Disponível em: <http://patasterapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/hipertensos.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

GANDOLFI-DECRISTOPHORIS, P.; BENEDETTI, A.; PETIGNA, T. C.; ATTINGER, M.; GUILLAUME, J.; FIEBIG, L. Evaluation of pet contact as a risk factor for carriage of multidrug-resistant staphylococci in nursing home residents. **American Journal of Infection Control**, United States, v.40, p.128-33, 2012. DOI: 10.1016/j.ajic.2011.04.007. Acesso em: 10 out. 2017.

GARCIA, D. O.; WERTHEIM, B. C.; MANSON, J. E.; CHLEBOWSKI, R. T.; VOLPE, S. L.; HOWARD, B. V.; STEFANICK, M. L.; THOMSON, C. A. Relationships between dog ownership and physical activity in postmenopausal women. **Preventive Medicine**, United States, v. 1, n.70, p. 33-38, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2014.10.030>. Acesso em: 8 ago. 2018.

GARDEMANN, P. N.; PARANZINI, C. S.; NETA, J. H.; TRAPP, S. M. Aspectos emocionais gerados pela morte do animal de estimação. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, Umuarama, v. 12, n. 1, p. 33-36, 2009. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqvet.v12i1.2009.2932>. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/index.php/veterinaria/article/view/2932>. Acesso em: 8 ago. 2018.

GASPAR, C.; FERREIRA, D.; QUINTAS, S. Terapeutas de 4 patas – Terapia assistida por animais em Unidade de Multideficiência. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, Espanha, v. extra, n. 11, p. A11-O76, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.11.2402>. Disponível em: <http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.11.2402>. Acesso em: 8 ago. 2018.

GAZIT, I.; TERKEL, J. Explosives detection by sniffer dogs following strenuous physical activity. **Applied Animal Behaviour Science**, Netherlands, v.81, p. 149-161, 2003. [http://dx.doi.org/10.1016/S0168-1591\(02\)00274-5](http://dx.doi.org/10.1016/S0168-1591(02)00274-5). Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2003-01781-008>. Acesso em: 8 ago. 2018.

GIUMELLI, R. D.; SANTOS, M. C. P. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Revista de Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 49-58, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672016000100007. Acesso em: 8 ago. 2018.

GORDON, R. T.; SCHATZ, C. B.; MYERS, L. J.; KOSTY, M.; GONCZY, C.; KROENER, J.; TRAN, M.; KURTZHALS, P.; HESTH, S.; KOZIOL, J.A.; ARTHUR, N.; GABRIEL, M.; HEMPING, J.; HEMPING, G.; NESBITT, S.; TUCKER-CLARK, L.; ZAAYER, J. The use of canines in the detection of human cancers. **Journal of Alternative and Complementary Medicine**, United States, v.14, p. 61-67, 2008. doi: 10.1089/acm.2006.6408. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18199013>. Acesso em: 8 ago. 2018.

GUEDES, M. B. O. G.; LIMA, K. C., CALDAS, C. P.; VERAS, R. P. Apoio social e cuidado integral à saúde do idoso. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.27, n.4, p.1185-1204, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v27n4/0103-7331-physis-27-04-01185.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

HACK, A. A. C.; SANTOS, E. P. Cães terapeutas: a estimulação de crianças com Síndrome de Down. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Santa Catarina, v. 8, n. 2, p. 151-158, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/camil/Downloads/13190-50897-1-PB.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

HARPER, C. M.; DONG, Y.; THORNHILL, T. S.; WRIGHT, J.; READY, J.; BRICK, G. W.; DYER, G. Can therapy dogs improve pain and satisfaction after total joint arthroplasty? A randomized controlled trial. **Clinical Orthopaedics and Related Research**, United States, v. 473, n. 1, p. 372-379, 2015. doi: 10.1007/s11999-014-3931-0. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25201095>. Acesso em: 8 ago. 2018.

HUGUES, B.; ÁLVAREZ, A. M.; CASTELO, L.; LEDÓN, L.; MENDOZA, M.; DOMÍNGUEZ, E. Percepción de los Beneficios de los Animales de Compañía para los Adultos Mayores con Diabetes Mellitus Tipo 2. **Revista de Investigaciones Veterinarias del Perú**, Lima, Peru, v. 27, n. 2, p. 233-240, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15381/rivep.v27i2.11645>. Acesso em: 6 out. 2017.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro, 2013.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, 2010. (Distribuição Percentual da População por Sexo)

JOHANSSON, M.; AHLSTRÖM, G.; JÖNSSON, A. Living with companion animals after stroke: experiences of older people in community and primary care nursing. **British Journal of Nursing**, England, v.19, n.12, 2014. doi: <https://doi.org/10.12968/bjcn.2014.19.12.578>. Disponível em: <https://www.magonlinelibrary.com/doi/abs/10.12968/bjcn.2014.19.12.578>. Acesso em: 10 out. 2017.

KARLSSON, M. K.; MAGNUSSO, N. H.; VON SCHEWELOV, T.; ROSENGREN, B. E. Prevention of falls in the elderly - a review. **Osteoporosis International**, England. v. 24, n. 3, p. 747-762, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s00198-012-2256-7>. Acesso em: 8 ago. 2018.

KAWAKAMI, C. H.; NAKANO, C. K. Animal assisted therapy (ATT): another resource in the patient-nurse communication. **Nursing**. São Paulo, v.6, n.61, p.25-29, 2003. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000052002000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 8 ago. 2018.

KNIGHT, S.; EDWARDS, V. In the company of wolves: the physical, social, and psychological benefits of dog ownership. **Journal of Aging and Health**, United States, v.20, n.4, p.437–55, 2008. DOI: 10.1177/0898264308315875. Acesso em: 8 ago. 2018.

KNIGHT, S.; EDWARDS, V. In the company of wolves: the physical, social, and psychological benefits of dog ownership. **Journal of Aging and Health**, United States, v. 20, n. 4, p. 437–55, 2008. DOI: 10.1177/0898264308315875. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0898264308315875>. Acesso em: 8 ago. 2018.

KRAUSE-PARELLO, C. A.; GULICK, E. E. Situational factors related to loneliness and loss over time among older pet owners. **Western Journal of Nursing Research**, United States, v. 35, n.7, p. 905–19, 2013. DOI: 10.1177/0193945913480567. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0193945913480567?rfr_dat=cr_p

ub%3Dpubmed&url_ver=Z39.882003&rfr_id=ori%3Arid%3Acrossref.org&journalCode=wjna.Acesso em: 8 ago. 2018.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. Transactional theory and research on emotions and coping. **European Journal of Personality**, England, v. 1, p. 141–169, 1987. DOI: 10.1002/per.2410010304 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/227842352_Transactional_Theory_and_Research_on_Emotions_and_Coping. Acesso em: 8 ago. 2018.

LEE, H. C.; HUANG, K. T.; SHEN, W. K. Use of antiarrhythmic drugs in elderly patients. **Journal of Geriatric Cardiology**, China, v.8, n.3, p. 184-194, 2011. doi: 10.3724/SP.J.1263.2011.00184. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3390066/>. Acesso em: 5 mai. 2018.

LÖLLGEN, H.; BÖCKENHOFF, A.; KNAPP, G. Physical activity and all-cause mortality: an updated meta-analysis with different intensity categories. **International Journal of Sports Medicine**, Germany, v.30, n.3, p.213-224, 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19199202>. Acesso em: 8 ago. 2018.

LOPES, M. J. L.; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v.24, p.105-125, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000100006&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 8 ago. 2018.

MARCUS, D. A.; BERNSTEIN, C. D.; CONSTANTIN, J. M.; KUNKEL, F. A.; BREUER, P.; HANLON, R. B. Animal-Assisted Therapy at an Outpatient Pain Management Clinic. **Pain Medicine**, England, n. 13, p. 45-57, 2012. doi: 10.1111/j.1526-4637.2011.01294.x Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22233395>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MARTINS, M. A. A.; PEREIRA, P. L. L.; FARIA, C. D. C. M.; MARTINS, P. H. A.; SILVA, J. A.; BARBOSA, J. M. M.; SOARES, D. F. M. A presença do cão e sua relação com o relato de morbidades, incidência de quedas e a qualidade de vida de um grupo de idosos em um município da região Sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 17, n.1, p. 113-121, jan-mar, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21722/rbps.v17i1.12458> . Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/12458>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MATSUDO, S. M. M. Envelhecimento, atividade física e saúde. **Boletim do Instituto de Saúde: BIS**, São Paulo, n.47, p.76-79, 2009. Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-18122009000200020&lng=pt. Acesso em: 8 ago. 2018.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS NETO, T. L. Impacto do envelhecimento nas variáveis antropométricas, neuromotoras e metabólicas da aptidão física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.8, n.4, p. 21-32, 2000. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/372/424>. Acesso em: 5 mai. 2018.

MCNICHOLAS, J.; GILBEY, A.; RENNIE, A.; AHMEDZAI, S.; DONO, J. A.; ORMEROD, E. Pet ownership and human health: a brief review of evidence and issues. **British Medical Journal**, England, v. 331, p. 1252–1254, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16308387>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MENNA, L. F.; FONTANELLA, M.; SANTANIELLO, A.; AMMENDOLA, E.; TRAVAGLINO, M.; MUGNAI, F.; DI MAGGIO, A.; FIORETTI, A. Evaluation of social relationships in elderly by animal-assisted activity. **International Psychogeriatrics**, England, v. 24, n.6, p. 1019-1020, 2012. doi: 10.1017/S1041610211002742. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22265354>. Acesso em: 5 mai. 2018.

MESSIAS, M. G.; NEVES, R. F. A influência de fatores comportamentais e ambientais domésticos nas quedas em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 275-282, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232009000200275&script=sci_abstract. Acesso em: 8 ago. 2018.

MICHAEL, R.; BRON, A. J. The ageing lens and cataract: a model of normal and pathological ageing. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, England, v.366, n.1568, p. 1278-1292, 2011. doi: 10.1098/rstb.2010.0300. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3061107/>. Acesso em: 5 mai. 2018.

MILLER, D. **Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores**. São Paulo: Nobel, 2002.

MILLER, J.; INGRAM, L. Perioperative nursing and animal assisted therapy. **AORN Journal**, United States, v. 72, n. 3, p. 477-483, 2000. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11004963>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MOFFATT, C.; APPUHAMY, R.; ANDREW, W.; WYNN, S.; ROBERTS, J.; KENNEDY, K. An assessment of risk posed by a Campylobacter-positive puppy living in an Australian residential aged-care facility. **Western Pacific Surveillance and Response Journal**, Philippines, v.5, n.3, 2014. DOI: 10.5365/wpsar.2014.5.2.009. Acesso em: 8 ago. 2018.

MOREIRA, M. M. O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Brasília, v.15, n.1, 1998. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/414>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MORSE, J. M.; FIELD, P. A. **Qualitative research methods for health professionals**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1995.

MOSER, E.; MCCULLOCH, M. Canine scent detection of human cancers: A review of methods and accuracy. **Journal of Veterinary Behavior**, United States, v. 5, p.145-152, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2010.01.002>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787810000031>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MOURA, J.A.; MCMANUS, C.M.; BERNAL, F.E.; DE MELO, C.B. An analysis of the 1978 African swine fever outbreak in Brazil and its eradication. **Revue Scientifique et Technique** (International Office of Epizootics), France, v. 29, p. 549-563, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21309454>. Acesso em: 8 ago. 2018.

NADERI, S.; MIKLÓSI, A.; DÓKA, A.; CSÁNYI, V. Co-operative interactions between blind persons and their dogs. **Applied Animal Behaviour Science**, Netherlands, v. 74, p.59-62, 78-79, 2001. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8f02/7c65d1bca15b19831d6a1451ede2cbb37194.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

NAGASAWA, M.; KIKUSUI, T.; ONAKA, T.; OHTA, M. Dog's gaze at its owner increases owner's urinary oxytocin during social interaction. **Hormones and Behavior**, United States, v.55, p.434-41, 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19124024>. Acesso em: 8 ago. 2018.

NAIR, K. S. Aging muscle. **American Journal of Clinical Nutrition**, United States, v. 85, n. 5, p. 953-963, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15883415>. Acesso em: 10 out. 2017.

NASRI, F. O envelhecimento populacional no Brasil. **Einstein**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. S4-S6, 2008. Disponível em: <http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/833-Einstein%20Suplemento%20v6n1%20pS4-6.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

NOBRE, M. O.; KRUG, F. D. M.; CAPELLA, S. O.; RIBEIRO, V. P.; NOGUEIRA, M. T. D.; CANIELLES, C.; TILLMANN, M. T. Projeto Pet Terapia: intervenções assistidas por animais, uma prática para o benefício da saúde e educação humana. **Expressa Extensão**, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 1, p. 76-89, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/10921>. Acesso em: 8 ago. 2018.

NUNES, A. **O envelhecimento populacional e as despesas do Sistema Único de Saúde**. In: CAMARANO, A. A. Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: Ipea, 2004, p. 427-450.

ODENDAAL, J. S.; MEINTJES, R. A. Neurophysiological correlates of affiliative behaviour between humans and dogs. **Veterinary Journal**, England, v.165, p.296-301, 2003. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12672376>. Acesso em: 8 ago. 2018.

OLSEN, R. B.; OLSEN, J.; GUNNER-SVENSSON, F.; WALDSTROM, B. Social networks and longevity. A 14 year follow-up study among elderly in Denmark. **Social Science & Medicine**, England, v.33, p.1189–1195, 1991. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1767289>. Acesso em: 8 ago. 2018.

OMRAM, A. R. The epidemiologic transition: a theory of the epidemiology of population change. **Bulletin of the World Health Organization**, Switzerland, v. 79, n.2, p. 161-170, 2001. doi: 10.1111/j.1468-0009.2005.00398.x. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2690264>. Acesso em: 5 mai. 2018.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2005.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE. **The state of aging and health in Latin America and the Caribbean**. Washington: Merck Institute of Aging, 2004.

OTTERSTEDT, C.; ROSENBERGER, M. **Gefährten – Konkurrenten – Verwandte: Die Mensch-tier-Beziehung im Wissenschaftlichen Diskurs**. 1 ed. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2009. 398p. IsBn 978-3525404225.

PACHECO-FERREIRA, A. Benefícios terapêuticos por emprego de los animales de compañía en el cuidado de salud de las personas mayores. **Revista Gerencia y Políticas de Salud**, Bogotá, Colombia, v.11, n. 22, p.58-66, 2012. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/gerepolsal/article/view/3289>. Acesso em: 10 out. 2017.

PARKERS, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 3 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998. 296p.

PENNINX, B. W. J. H.; VAN TILBURG, T.; KRIEGSMAN, D. M. W.; DEEG, D. J. H.; BOEKE, A. J. P.; VAN EIJK, M. Effects of social support and personal coping resources on mortality in older age: The Longitudinal Aging Study Amsterdam. **American Journal of Epidemiology**, United States, v. 146, p.510–519, 1997. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9290512>. Acesso em: 8 ago. 2018.

PEREIRA, M. J. F.; PEREIRA L.; FERREIRA M. L. Os benefícios da terapia assistida por animais: uma revisão bibliográfica. **Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 4, n. 14, p. 62-66, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/842/84201407.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

PERISSINOTTO, C. M.; CENZER, I. S.; COVINSKY, K. E. Loneliness in older persons: A predictor of functional decline and death. **Archives Of Internal Medicine**, United States, v.172, p.1078–1083, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22710744>. Acesso em: 8 ago. 2018.

PESSANHA, L. D. R.; CARVALHO, R. L. S. Famílias, animais de estimação e consumo: um estudo do *marketing* aos proprietários de animais de estimação. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 187-203, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/105700>. Acesso em: 8 ago. 2018.

PORTO, J. R.; QUATRIN, L. B. Efeito da Terapia Assistida por Animais nos aspectos motores e interação socioafetiva de um adolescente com paralisia cerebral: um estudo de caso. **ConScientiae Saúde**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 625-632, 2014. Disponível em: <https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/download/13190/pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

QUEIROZ, B. M.; COQUEIRO, R. S.; LEAL NETO, J. S.; BORGATTO, A. F.; BARBOSA, A. R.; FERNANDES, M. H. Inatividade física em idosos não institucionalizados: estudo de base populacional. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n.8, p.3489-3496, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2014.v19n8/3489-3496/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

RABOLD, D.; ESPELAGE, W.; ABU SIN, M.; ECKMANN, T.; SCHNEEBER, G. A.; NEUBAUER, H.; MOBIUS, N.; HILLE, K.; WIELER, L. H.; SEYBOLDT, C.; LUBKE-BECKER, A. The zoonotic potential of *Clostridium difficile* from small companion animals and their owners. **Plos One**, United States, v. 13, n.2, 2018. DOI:<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0193411>. Acesso em: 8 ago. 2018.

RAMOS, M. P. Apoio social e saúde entre idosos. **Sociologias**, Porto Alegre, v.9, n.7, p.156-175, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a07n7.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

RIBEIRO, A. P.; SOUZA, E. R.; ATIE, S.; SOUZA, A. C.; SCHILITZ, A. O. A influência das quedas na qualidade de vida de idosos. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.13, n. 4, p. 1265-1273, 2008. Disponível em: <file:///E:/Artigos/QUEDAS/A%20influência%20das%20quedas%20na%20qualidade%20de%20vida%20de%20idosos.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

RINTALA, D. H.; MATAMOROS, R.; SEITZ, L. L.. Effects of assistance dogs on persons with mobility or hearing impairments: a pilot study. **Journal of Rehabilitation Research & Development**, United States, v.45, n.4, p. 489-490, 2008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18712636>. Acesso em: 8 ago. 2018.

RODRIGUES, I. G.; FRAGA, G. P.; BARROS, M. B. A. Quedas em idosos: fatores associados em estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, p. 705-718, 2014. DOI: 10.1590/1809-4503201400030011. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2014000300705. Acesso em: 8 ago. 2018.

RONDEAU, L.; CORRIVEAU, H.; BIER, N.; CAMDEN, C.; CHAMPAGNE, N.; DION, C. Effectiveness of a rehabilitation dog in fostering gait retraining for adults with a recent stroke: a multiple single-case study. **NeuroRehabilitation**, Netherlands, v. 27, n.2, p. 155–163, 2010. DOI: 10.3233/NRE-2010-0592. Acesso em: 8 ago. 2018.

ROONEY, N. J.; MORANT, S.; GUEST C. Investigation into the value of trained glycaemia alert dogs to clients with type I diabetes. **Plos One**, United States, v. 8, n.8, 2013. doi: 10.1371/journal.pone.0069921. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23950905>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SAKATA, M. V. A. O emprego do cão farejador no cumprimento de mandados de busca e apreensão pela polícia militar do estado de Mato Grosso. **Revista Científica de Pesquisa em Segurança Pública**, Mato Grosso, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revistacientifica.pm.mt.gov.br/ojs/index.php/semanal/article/view/260>. Acesso em: 5 mai. 2018.

SÁNCHEZ, J.; DÍEZ, S.; CARDONA, R. Pet avoidance in allergy cases: Is it possible to implement it? **Biomédica**, Bogotá, Colombia, v.35, p. 357-362, 2015. DOI:<http://dx.doi.org/10.7705/biomedica.v35i3.2634>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SANTOS- PRECIADO, J. I.; VILLA-BARRAGÁN, J. P.; GARCÍA-AVILÉS, M. A.; LEÓN-ÁLVAREZ, G.; QUEZADA-BOLAÑOS, S.; TAPIA-CONYER, R. La transición epidemiológica de las y los adolescentes en México. **Salud Pública de México**, México, v. 45, n.1, p. 140-152, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/106/10609518.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

SANTOS, S. R.; SANTOS, I. B. C.; FERNANDES, M. G. M.; HENRIQUES, M. E. R. M. Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da Escala de Flanagan. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v.10, n.6, p.757-764, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n6/v10n6a2.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SCHEIBECK, R.; PALLAUF, M.; STELLWAG, C.; SEEBERGER, B. Elderly people in many respects benefit from interaction with dogs. **European Journal of Medical Research**, England, v.16, p.557-563, 2011. doi: 10.1186/2047-

783X-16-12-557 Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3351901/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SERPELL, J. Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behaviour. **Journal of the Royal Society of Medicine**, England, v.84, p.717-20, 1991. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1295517/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SIEGEL, J. M. Stressful life events and use of physician services among the elderly: the moderating role of pet ownership. **Journal of Personality and Social Psychology**, United States, v.58, p.1081-6, 1990. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2391640>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SILVA, M. F. F. S.; SILVA A. K. P.; GUIMARÃES N. A.; ARAÚJO D. D. Quedas em idosos atendidos em um serviço de referência à saúde do idoso. **Revista Norte Mineira de Enfermagem**, Minas Gerais, v. 5, n. 2, p. 63-79, 2016.

Disponível em:

<http://www.renome.unimontes.br/index.php/renome/article/view/175>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SILVA, N. B.; OSÓRIO, F. A. Impacto of an animal-assisted therapy programe on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients.

Plos One, United States, v. 13, n. 4, 2018. doi: 10.1371/journal.pone.0194731.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29617398>. Acesso em: 8 ago. 2018.

SIQUEIRA, A. B.; CORDEIRO, R. C.; PERRACINI, M. R.; RAMOS, L. R.

Impacto funcional da internação hospitalar de pacientes idosos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, p. 687-694, 2004.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102004000500011>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102004000500011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 5 mai. 2018.

SIQUEIRA, W. N. O emprego do cão farejador na localização de substâncias entorpecentes ilícitas. **Revista Científica de Pesquisa em Segurança Pública**, Mato Grosso, v. 6, Jan/Jun, 2010. Disponível em:

<http://revistacientifica.pm.mt.gov.br/ojs/index.php/semanal/article/view/168>.

Acesso em: 8 ago. 2018.

SOARES, R. S.; CARVALHO, D. T. Diferenças entre bases de segmentação dos mercados consumidores de uma linha de produtos para pets. **Revista Eletrônica de Administração**, Rio Grande do Sul, v.10, n. 3, p. 1-19, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/read/article/view/42404>. Acesso em: 8 ago. 2018.

STANLEY, I. H.; CONWELL, Y.; BOWEN, C.; ORDEN, K. A. V. Pet Ownership may Attenuate Loneliness Among Older Adult Primary Care Patients Who Live Alone. **Aging and Mental Health**, England, v.18, n.3, p.394–399, 2014. doi:10.1080/13607863.2013.837147. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24047314>. Acesso em: 8 ago. 2018.

STEPTOE, A.; WARDLE, J.; MARMOT, M. Positive affect and healthrelated neuroendocrine, cardiovascular, and inflammatory processes. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, United States, v.102, p. 6508-12, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15840727>. Acesso em: 8 ago. 2018.

STUMM, K. E.; ALVES C. N.; MEDEIROS, P. A.; RESSEL B. L. Terapia Assistida por Animais como facilitadora no cuidado a mulheres idosas institucionalizadas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Catarina, v. 2, n.1, p. 205-2012, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/2616>. Acesso em: 5 mai. 2018.

SUTHERS-MCCABE, H. M. Take one pet and call me in the morning. **Generations**, United States , v.25, n.2, p.93-95, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/292412154_Take_one_pet_and_call_me_in_the_morning. Acesso em: 8 ago. 2018.

THURSTON, R. C.; KUBZANSKY, L. D. Women, loneliness, and incident coronary heart disease. **Psychosomatic Medicine**, United States, v.71, p.836–842, 2009. doi: 10.1097/PSY.0b013e3181b40efc. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19661189>. Acesso em: 8 ago. 2018.

TOKARNIA, C.H.; PEIXOTO, P.V.; DOBEREINER, J.; BARROS, S.S.; RIET-CORREA, F. O surto de peste suína africana ocorrido em 1978 no município de Paracambi, Rio de Janeiro. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 223-238, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pvb/v24n4/a10v24n4>. Acesso em: 8 ago. 2018.

TOMKINS, L. M.; THOMSON, P. C.; MCGREEVY, P. D. Associations between motor, sensory and structural lateralisation and guide dog success. **The**

Veterinary Journal, England, v. 192, p. 359-360, 364-365, 2012. doi: 10.1016/j.tvjl.2011.09.010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22023850>. Acesso em: 8 ago. 2018.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

UDEL, L. J. A.; STEG, P. G.; SCIRICA, B. M.; SMITH, S. C.; OHMAN, M. E.; EAGLE, K. A.; GOTO, S.; CHO, J. I.; BHATT, D. L. Living alone and cardiovascular risk in outpatients at risk of or with atherothrombosis. **Archives of Internal Medicine**, United States, v.172, p.1086–1095, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22711020>. Acesso em: 8 ago. 2018.

VACCARI, A. M. H.; ALMEIDA, F. A. A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. **Einstein**, São Paulo, v. 5, n.3, p. 111-116, 2007. Disponível em: http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein5-2_Online_AO419_pg111-116.pdf. Acesso em: 8 ago. 2018.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v.21, n. 4, p. 539-548, 2012. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742012000400003. Acesso em: 5 mai. 2018.

VERAS, R. Envelhecimento Populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n.3, p. 548-554, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000025>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102009000300020&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 5 mai. 2018.

VERAS, R. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n.10, p. 2463-2466, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n10/20.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

VIERA, F. T.; SILVA, R. S.; LEMOS, V. R.; AZEVEDO JÚNIOR, R. R.; VIEIRA, M. L.; SANTOS, M. R. D.; MACHADO, G. G.; JORGE, D. V. B. O.; NETO, I. V.

L. Terapia assistida por animais e sua influência nos níveis de pressão arterial de idosos institucionalizados. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 93, n.3, p. 122-127, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v95i3p122-127>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/111963>. Acesso em: 5 mai. 2018.

VLAHOS, J. Animais de estimação movidos a drogas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 11, n.3, p. 449-469, 2008. DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142008000300008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000300008. Acesso em: 8 ago. 2018.

WASSER, S.K.; DAVENPORT, B.; RAMAGE, E.R.; HUNT, K.E.; PARKER, M.; CLARKE, C.; STENHOUSE, G. Scat detection dogs in wildlife research and management: application to grizzly and black bears in the Yellowhead Ecosystem, Alberta, Canada. **Canadian Journal of Zoology**, Canadá, v. 82, p.475-492, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249542711_Scat_detection_dogs_in_wildlife_research_and_management_Application_to_grizzly_and_black_bears_in_the_Yellowhead_Ecosystem_Alberta_Canada. Acesso em: 8 ago. 2018.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. 7. Ed. São Paulo: Manoele, 2005.

WELLS, D. The effect of videotapes of animals on cardiovascular responses to stress. **Stress and Health**, England, v.21, p.209-13, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/smi.1057>. Acesso em: 8 ago. 2018.

WESTGARTH, C.; CHRISTLEY, R. M.; MARVIN, G.; PERKINS, E. I walk my dog because it makes me happy: a qualitative study to understand why dogs motivate walking and improved health. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Switzerland, v. 14, n. 926, p.1-18, 2017. DOI:10.3390/ijerph14080936. Acesso em: 8 ago. 2018.

WILSON, R. S.; KRUEGER, K. R.; ARNOLD, S. E.; SCHNEIDER, J. A.; KELLY, J. F.; BARNES, L. L.; TANG, Y.; BENNET, T D. A. Loneliness and risk of Alzheimer disease. **Archives of General Psychiatry**, United States, v.64, p.234–240, 2007. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17283291>. Acesso em: 8 ago. 2018.

WINKLE, M.; CROWE, T.; HENDRIX, I. Service dogs and people with physical disabilities partnerships: a systematic review. **Occupational Therapy**

International, England, v. 19, n. 55, p. 57-58, 64, 2012. doi: 10.1002/oti.323. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21858889>. Acesso em: 8 ago. 2018.

WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v.23, n.1, p. 5-26, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n1/v23n1a02.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2018.

WOOD, L.; MARTIN, K.; CHRISTIAN, H.; NATHAN, A.; LAURITSEN, C.; HOUGHTON, S.; KAWACHI, I.; MCCUNE, S. The pet factor – companion animals as a conduit for getting to know people, friendship formation and social support. **Plos One**, United States, v.4, n.10, p.1-17, 2015. DOI:10.1371/journal.pone.0122085. Acesso em: 8 ago. 2018.

XAVIER, F. M. F.; FERRAZ, M. P. T.; BERTOLLUCCI, P.; POYARES, D.; MORIGUCHI, E. H. Episódio depressivo maior, prevalência e impacto sobre qualidade de vida, sono e cognição em octogenários. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.23, n.2, p.62-70, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/37704545.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA: DADOS
SOCIODEMOGRÁFICOS E DE SAÚDE E CONVÍVIO COM CÃES DE
ESTIMAÇÃO**

01. Dados Sociodemográficos e de Saúde

Dados Sociodemográficos e de Saúde	
Sexo	Feminino () Masculino ()
Faixa etária	60-70 anos () 71-80 anos () > 80 anos ()
Estado civil	Solteiro (a) () Casado (a) () Divorciado (a) () Viúvo (a) () União Consensual ()
Nível de escolaridade	Sem escolaridade () Fundamental – incompleto () Fundamental – completo () Médio – incompleto () Médio – completo () Superior – incompleto () Superior – completo ()
Moradia	Própria () Alugada () Cedida () Zona urbana () Zona rural ()
Remuneração mensal	1 – 2 salários-mínimos. () 3 – 4 salários-mínimos () > 4 salários-mínimos ()
Doenças diagnosticadas autorreferidas	HAS () DM () Doenças osteoarticulares () Depressão () Outra: _____.

02. Entrevista semiestruturada – Convívio com Cães de Estimação

1. Qual o nome e a raça do seu cachorro?

-SRD;

-Peso/tamanho.

2. Como o (a) senhor (a) descreveria a convivência com seu cão de estimação?

3. Após a chegada do seu cão de estimação, o (a) senhor (a) percebeu alguma mudança na sua vida?

4. O (a) senhor (a) acredita que a presença de um animal de estimação pode trazer benefícios à saúde de uma pessoa? Se sim, quais?

5. O (a) senhor (a) acredita que a presença de um cão de estimação pode trazer malefícios à saúde de uma pessoa? Se sim, quais?

6. O que (nome do cão de estimação) significa para o (a) senhor (a)?

APÊNCIDE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS)

Convidamos o (a) senhor (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada **Convívio domiciliar de idosos com cães de estimação** que está sob a responsabilidade da pesquisadora Camila da Costa Lima Souto (Endereço: Rua Manoel Arão, nº 85, Espinheiro, Recife-PE, CEP: 52020-100, Telefone: (81) 987849177/ E-mail: camila_souto90@hotmail.com) e sob a orientação do Prof. Dr. Rogério Dubosselard Zimmermann (E-mail: rdzlegal@gmail.com) e coorientação da Prof^a Dra. Maria Lúcia Gurgel da Costa (E-mail: malu@uol.com).

Caso este documento contenha informações que não lhes sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser retiradas com a pesquisadora. Ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo, solicito que rubrique as folhas e assine ao término. Este documento foi elaborado em duas vias, sendo uma via entregue ao senhor (a) e a outra permanecerá com a pesquisadora responsável. Caso não concorde em participar como voluntário da pesquisa, não existirá penalidade, bem como será possível retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Diante da escassez de trabalhos científicos que investiguem os efeitos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação, bem como da vulnerabilidade do grupo ao surgimento de transtornos físicos e mentais que podem ser prevenidos ou retardados através de comportamentos orientados, justifica-se o estudo, que tem como objetivo estudar os efeitos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, que será realizado no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os participantes serão selecionados dentre os usuários do serviço que possuam em seu domicílio, ao menos, um cão de estimação pelo período mínimo de um ano. Os voluntários serão entrevistados em sala privativa, onde será realizada uma entrevista com gravação de áudio. As gravações com as informações coletadas ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora, pelo período mínimo de 5 anos.

O estudo envolve um risco do (a) senhor (a) se sentir constrangido (a) no momento em que for estimulado a compartilhar memórias, sentimentos e opiniões relacionadas ao seu animal de estimação, o que será minimizado por meio de um ambiente acolhedor que lhe transmita segurança e tranquilidade. Será garantida a manutenção do sigilo da sua identidade, sendo utilizados na redação do trabalho final nomes fictícios, bem como será garantida sua privacidade em todas as fases da pesquisa.

Quanto aos benefícios deste estudo, o (a) senhor (a) aproveitará de um momento de conversação, e, indiretamente, contribuirá para formação de um banco de dados importante para ciência e para a promoção da saúde e qualidade de vida da população idosa. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo da sua participação.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no endereço Avenida da Engenharia s/n, 1º Andar, Sala 4, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Telefone: (81) 2126.8588, E-mail: cepccs@ufpe.br.

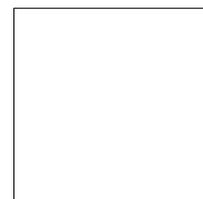
CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar como voluntário (a) do estudo **Saúde do idoso: convívio domiciliar de idosos com cães de estimação**. Fui devidamente informado (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantida a retirada do consentimento a qualquer tempo, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento, assistência ou tratamento.

Recife, ____/____/_____.

Impressão Datiloscópica

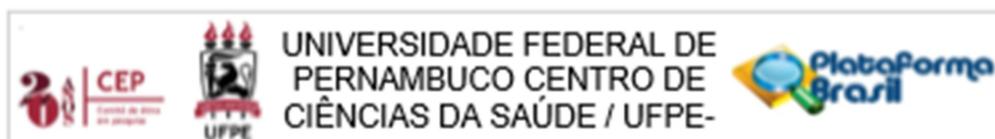


Voluntário (a)

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar.

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SAÚDE DO IDOSO: Benefícios e malefícios do convívio domiciliar com animais de estimação.

Pesquisador: CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80073817.8.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.489.649

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de Dissertação da aluna Camila da Costa Lima Souto do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Dubosselard Zimmermann e Co-orientado pela Prof.ª Dra. Maria Lúcia Gurgel da Costa a respeito da SAÚDE DO IDOSO em relação aos Benefícios e malefícios do convívio domiciliar com animais de estimação.

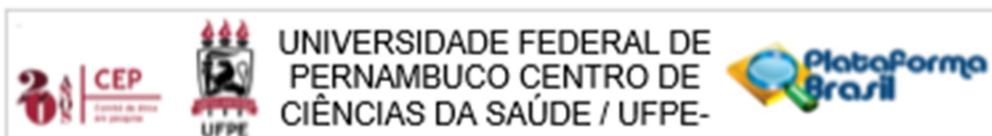
Objetivo da Pesquisa:

Analisar os benefícios e malefícios da convivência domiciliar com animais de estimação para a saúde do idoso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa é relevante pois observa-se que na realidade atual é muito comum a adoção de animais no convívio doméstico.

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **Cep:** 50.740-620
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 2.492.640

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Considero a hipótese da pesquisa para os meus comentários: O contato domiciliar com animais pode aumentar a socialização e comunicação, reduzir o isolamento, a solidão e a ansiedade, proporcionar prazer, melhorar a memória, a autoestima e a concentração, refletindo, portanto, um conjunto de fatores hábeis a influenciar positivamente a saúde física e mental dessa população. Por outro lado, essa interação pode, também, trazer alguma influência negativa à vida do idoso. Com efeito, a posse do animal acarreta novas responsabilidades e aumenta o gasto financeiro. Algumas pessoas podem, ainda, apresentar alergias, e, além disso, a perda do animal de estimação pode causar grande impacto emocional ao idoso.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão adequados.

Recomendações:

- Recomendando a inclusão dos objetivos específicos da pesquisa no projeto e nas informações gerais da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

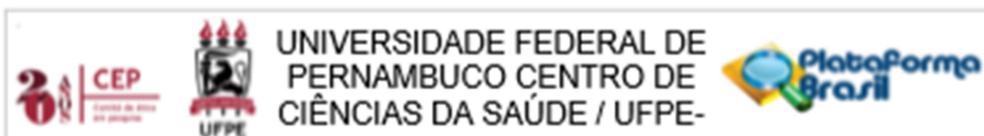
O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO para iniciar a coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio da Notificação com o Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para enviá-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link "Para enviar Relatório Final", disponível no site do CEP/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética, relatórios parciais das atividades

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
 Bairro: Cidade Universitária Cep: 50.740-900
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)2126-8588 E-mail: cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 2.492.649

desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

O CEP/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do/a pesquisador/a assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_P ROJETO_1006005.pdf	17/11/2017 13:22:39		Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	15/11/2017 21:49:26	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCEP.odt	13/11/2017 11:29:57	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.odt	13/11/2017 11:26:22	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
Outros	Matricula.pdf	26/10/2017 15:57:54	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
Outros	lattesCAMILA.pdf	26/10/2017 15:48:46	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
Outros	Cartaanuencia.pdf	25/10/2017 15:18:27	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
Outros	Termodecompromissoeconfidencialidad e.pdf	11/10/2017 16:12:16	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
Outros	lattesROGERIO.pdf	11/10/2017 16:08:17	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito
Outros	lattesMARIA.pdf	11/10/2017 16:07:08	CAMILA DA COSTA LIMA SOUTO	Aceito

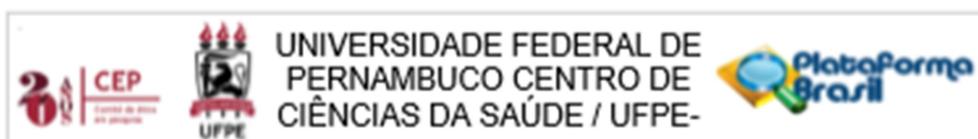
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Cidade: Cidade Universitária **Cep:** 50.740-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 2-493.649

RECIFE, 07 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador)

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-900
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 e-mail: cepccs@ufpe.br